



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

DEBORAH DANNY DA SILVA PEREIRA

**FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DAS HASHTAGS: UM OLHAR PARA A
#SOMOSTODOS**

**CAMPINAS,
2018**

DEBORAH DANNY DA SILVA PEREIRA

**FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DAS HASHTAGS: UM OLHAR PARA A
#SOMOSTODOS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação/Tese defendida pela aluna Deborah Danny da Silva Pereira e orientada pela Profa. Dra. Cristiane Dias.

CAMPINAS,

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 2016/1582817

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

P414f Pereira, Deborah Danny da Silva, 1994-
Funcionamento discursivo das hashtags : um olhar para a #somostodos /
Deborah Danny da Silva Pereira. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Cristane Pereira Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Redes sociais on-line. 3. Universal (Filosofia). I.
Dias, Cristiane Pereira. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Hashtags discursive operation : analyzing #somostodos

Palavras-chave em inglês:

Discourse analysis

Online social networks

Universals (Philosophy)

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Cristiane Pereira Dias

Mônica Graciela Zoppi-Fontana

Lucília Maria Abrahão e Sousa

Data de defesa: 24-05-2018

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural



BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

Profa. Dra. Monica Graciela Zopi-Fontana

Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.

AGRADECIMENTOS

*Uma palavra
Início de uma reza
Palavra o vento leva
Mas fica sempre a intenção
(Mateus Aleluia)*

Eu pensei que seria fácil escrever pra agradecer.

Mas não é. A gente fica procurando as palavras certas, as palavras perfeitas, nem um pouquinho fora mas isso é da ordem do impossível. A gente que trabalha com a língua sabe bem. É por conta disso que às vezes eu queria roçar meu corpo no mundo; eu queria que todas as pessoas ficassem bem dentro do mundo, tão dentro, tão dentro que a gente entenderia ele e ele entenderia a gente e todos se entenderiam.

Mas aí a gente não seria a gente. A língua é que faz a gente *ser*, né?

Por isso eu sou muitíssimo grata à língua (consegui meu primeiro agradecimento), ela me deixa existir, sonhar, pensar... língua é como a ideia que a gente tem de deus, só que melhor, porque ela é uma mulher dançando e que odeia regras.

A língua também deixa a gente ter poesia que é quase roçar o corpo no mundo. Todas as pessoas que citarei aqui são poesia pra mim porque, de algum modo, transformaram meu olhar, romperam com algo, fizeram eu sentir diferente, possibilitaram uma mudança no ritmo da dança. Muito obrigada!

Vou começar agradecendo à Cris, por quem eu tenho uma admiração enorme pela escrita, pelo percurso teórico e por todas as contribuições que tem feito nos estudos da AD e do digital. A Cris foi mais que uma orientadora pra mim, principalmente nessa reta final. Em todos os sentidos possíveis, sem a Cris eu não conseguiria ter esse texto pronto. Obrigada, Cris, pela paciência, humor, sensibilidade e gentileza de sempre. Obrigada pela abertura, pelas trocas e por acreditar em mim e nesse projeto; e por me apresentar o Labeurb – lugar onde eu aprendi tanto tanto tanto e fiz amigos pra vida. Desculpa pelos atrasos e ausências. Eu fico sempre muito feliz quando penso que conheci você no meu tempo de Unicamp, foi um presente do mundo.

Como eu já falei do Labeurb, vou agradecer a todos os amigos que fiz lá. Obrigada, gente, pelas mesas, conferências, etc. que assistimos juntos, pelas reuniões maravilhosas do e-urbano, pelos eventos que organizamos, pelas leituras no CEDU, pelas trocas, pelo afeto, pelo bar no fim de cada compromisso, obrigadíssima. O Labeurb é muito especial, é um dos meus lugares favoritos, cheio de pessoas que dão um espirro e um respiro pra vida. E dentre essas pessoas incríveis, sinto a necessidade de pontuar algumas: Vinícius, pela amizade, companhia, reflexões, por sempre perguntar como eu estava e desculpar e entender minhas ausências; Rômulo, sorriso e ternura materializados em uma pessoa, agradeço por me ouvir e falar comigo sempre mas, em especial, nesse momentinho final, quando eu precisei tanto; Renan, pelas caronas com as melhores músicas, risadas, gentileza, abraços, bares...por se perder comigo tantas vezes!; Guilherme, de quem eu já me sentia próxima só por estarmos na mesma etapa do mestrado e que, ao longo do percurso, fui percebendo como uma pessoa muito generosa e sensível...obrigada por ouvir minhas aflições algumas vezes, Gui, e por ter sempre um cigarro; Cida, que foi meio mãe meio amiga meio professora meio conselheira, você é um estrela bem confortável pra todos, Cida, costurada à mão!; Adri, pela alegria, pelas conversas, pela disposição, por sorrir, por entender a gente; Dayane, pelo olhar e sorriso sereno que transparece que há sempre um jeito pra tudo; Kyene, que foi uma amiga incrível ao longo desses dois anos de mestrado – muita troca, muita conversa, muita gratidão – sou feliz demais por ter te conhecido.

E sobre pessoas que conheci só porque o mestrado me possibilitou:

Preciso dizer #gratidão ao Brau, o melhor abraço de Barão Geraldo, de Campinas, do Brasil! Brau é um ponto de amor no mundo. Obrigada, querido, pelas visitas inesperadas, por ressignificar pra mim a Praça da Paz; por fazer eu me sentir confortável no silêncio e na palavra. E obrigada por me fazer conhecer o Romulo, meu conterrâneo, que parece que deixa o ar mais colorido quando chega perto. Você me lembra a música Pedrinho, da Tulipa Ruiz: “Pedrinho chegava descalço fazia da vida o que a gente sonhou...”.

Agradeço também à Tati e à Eliane, duas presenças leves e intensas demais. Que bom que vocês existem! Vocês são chuva e vento. Queria ter tido tempo pra curtir mais, mas só de ter vivido perto um pouco já é uma oferta da natureza, uma cachoeira.

Além do Labeurb, também agradeço ao IEL, que me acolhe desde o primeiro dia em que cheguei em Campinas, na graduação. O IEL é mágico, me lembra a música Elephant Gun. Agradeço a todos os professores com quem tive aula no curso de Linguística, especialmente ao Lauro Baldini, com quem conheci a Análise do Discurso e me apaixonei. Também dou um muito obrigada a todos os amigos e pessoas inquietantes que conheci, em especial à Sarita – minha primeira amiga em Campinas, parceira de estudos e trabalhos; entre tantas coisas lindas que aprendemos, nós duas escolhemos enxergar o mundo pela AD.

Agradeço aos professores com quem tive aula na pós – no Labjor e no IEL - pois, sem a menor dúvida, todas as aulas contribuíram muito nas reflexões desta pesquisa. Obrigada, Suzy Lagazzi, Rafael Evangelista, Mônica Zoppi, Marcos Barbai, Cris Dias, Lauro Baldini. Vocês todos são generosíssimos; sou privilegiada demais por poder ouvir vocês. E, ao professor Aquiles, agradeço pela oportunidade de ter sido PED em suas aulas, pelos conselhos, conversas e cafés sempre muito fortes e sem açúcar como a gente adora e precisa.

Também foi de importância gigante pra mim poder contar com a Alessandra e a Andressa, que trabalham na secretaria do Labjor. Obrigada, meninas, pela atenção e disposição.

Voltando aos amigos, preciso agradecer ao Sobrado da Olinto, que representa todas as casas e pessoas com quem morei em Campinas. Eu fiz amizades gigantescas morando junto, cada uma diferente da outra. Eu amo gente, “gente é pra brilhar”, e eu morei com um elenco maravilhoso que fez da minha estadia em campinas às vezes estressante, às vezes triste, muitas vezes feliz, cheia de cafés, brigadeiros, bolos e tretas mas, principalmente, viva. Obrigada, pessoal, pela vida juntinho, pela vida de casados. Foi uma experiência enorme pra mim. E a melhor parte dela é que eu sei que posso voltar.

E agradeço de maneira especialíssima ao grupo Bacantes de Benioff: a gente se ama, se apoia, faz mapa astral e ri. Eu me sinto um pouco mais forte no mundo porque sei que tenho vocês.

Em relação às pessoas queridas de fora do meu ciclo na Unicamp, começo agradecendo ao Fernando, minha melhor companhia, meu melhor amigo. Fernando pra mim é muito, é tanto, é o tempo parado e o tempo girando, é palavra e despalavra, é o que não existe mas existe num lugar bem específico da barriga; Fernando é mais forte que o amor, acho que tá mais perto da crença. Obrigada pelos cafés, pela escuta, por dizer quando eu precisava de ajuda; pela presença de todo momento.

Sou imensamente grata aos meus amigos de infância, da Escola, do Intercâmbio e de outros lugares da vida que podem estar distantes fisicamente mas estão super presentes no meu celular, entre hashtags, textões e stories. Todos vocês são inspiradores demais. Eu tenho sorte por ter tido encontros tão importantes e fortes. Eu queria destacar alguns que, mais diretamente, me ajudaram nesse percurso-pesquisa: Caroene e Fer, por troquinhas teóricas, conversas e pirações sobre linguagem. Galba e Memé, essa entidade que é duas e é uma, por me acolher em sua maravilhosa residência no Rio de Janeiro nas inúmeras fases do processo de doutorado – e pelas músicas, conversas, cervejas e abraços do nosso jeitinho enrolado que só ele. Galba, Memé e eu, juntas, somos três, somos duas, somos mil, somos uma, #somostodos, rs.

E preciso agradecer à minha família, que sempre me deu incentivo pra amar a língua e qualquer coisa que eu quisesse. E tudo que eu quisesse. Nessa trajetória de idas e vindas, sou grata ao meu pai por sempre dizer *vai*, à minha mãe por dizer *volta* e à minha irmã por dizer *posso ir?*. Três palavrinhas de amor e liberdade, é um afago saber que posso partir, voltar e que alguém quer vir comigo. Amo vocês!

Um muito obrigada, enorme, à minha banca de defesa, por todas as contribuições e leituras. Mônica Zoppi e Lucília Abrahão são de uma generosidade e simpatia gigante; admiro muito o percurso acadêmico de vocês e é um privilégio poder contar com seus apontamentos em meu trabalho. Agradeço também à Paula Chiaretti e ao Marcos Barbai, pela disponibilidade como suplentes e em especial ao Marcos, por suas aulas sempre muito inspiradoras.

Por fim, agradeço à CAPES, pelo incentivo financeiro.

*O passado anda atrás de nós
como os detetives os cobradores os ladrões
o futuro anda na frente
como as crianças , os guias de montanha, os maratonistas melhores do que nós
salvo engano o futuro não se imprime como o passado nas pedras, nos móveis, no
rosto das pessoas que conhecemos
o passado ao contrário dos gatos
não se limpa a si mesmo
aos cães domesticados se ensina a andar sempre atrás do dono
mas os cães, o passado, só aparentemente nos pertencem
pense em como do lodo primeiro surgiu esta poltrona, este livro este besouro, este
vulcão, este despenhadeiro
à frente de nós à frente deles
corre o cão*

Ana Martins Marques, O Livro das Semelhanças

RESUMO

Esta dissertação faz uma análise, sob a perspectiva da Análise do Discurso, sobre o modo como operam as hashtags e também, de forma mais específica, analisa as *hashtags* #SomosTodos, por exemplo: #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMaju, #SomosTodosMacacos, #SomosTodosProfessores, #SomosTodosBrasil, #SomosTodosOlímpicos, #SomosTodosSilva, #SomosTodosLéo, etc., muito (re)compartilhada nas redes sociais, em vias públicas e, até mesmo, na mídia hegemônica. Deste modo, o trabalho traz reflexões a respeito do funcionamento discursivo das *hashtags* e dos discursos atravessados pelo digital, dialogando com os estudos de Dias (2011, 2015, 2016) e Paveau (2013, 2017). Tentamos compreender a *hashtag* também a partir da noção de arquivo (PÊCHEUX, 2010), entendendo que este segmento forma um arquivo, ao mesmo tempo, uno, disperso e quantificável (sendo esta última característica fundamental na consequência política que as *hashtags* podem ter). Em relação ao enunciado em análise, #SomosTodos, o tomamos sob a perspectiva da universalidade (PÊCHEUX, 1975), pensando em como ele se filia ao discurso de igualdade - funcionando como um “somos todos iguais” - e do Sujeito de Direito (HAROCHE, 1984), que tenta colocar os sujeitos como iguais perante a lei, no intuito de apagar as contradições e subjetividades constitutivas da sociedade e da língua. Outro ponto importante desta pesquisa é que, através dela, foi possível observar os deslocamentos de sentidos do enunciado e como ele foi se filiando a outros modos de significar: a *hashtag*, em alguns posts, filia-se a uma memória ligada ao racismo e à resistência (#SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMaju, #SomosTodosMaccos) e, ao mesmo tempo, é possível vê-la em propaganda e marketing (#SomosTodosBrasil e #SomosTodosOlímpicos) ou torcidas (#SomosTodosLeo). Percebemos, então, produções de sentidos diferentes a partir de uma mesma forma, o que lembra o que nos ensinou Pêcheux (2006, p. 53), ao postular que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo”. Como última reflexão, saliento a resignificação desta *hashtag* a partir de dois enunciados - #NinguémÉHaiti e “Somos Todos Negros ?” – que colocam a *hashtag* #SomosTodos em outro lugar, questionam a sua universalidade.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Arquivo. Universalidade. Hashtag. #SomosTodos

ABSTRACT

This dissertation makes an analysis, from the perspective of Discourse Analysis, about the hashtag #SomosTodos, for example: #SomosAmarildo, #SomosTodosMaju, #SomosTodosMacacos, #SomosTodosMacacos, #SomosTodosBrasil, #SomosOlympics, #SomosTodosSilva, #SomosTodosLéo, etc., very shared in social networks, on public roads and, even, in the hegemonic media. In this way, this paper brings reflections about the discursive operation of the hashtags and the discourses crossed by the digital, dialoguing with the studies of Dias (2011, 2015, 2016) and Paveau (2013, 2017). We try to understand the hashtag also from the notion of archive (PÊCHEUX, 2010), understanding that this segment forms an archive, at the same time, unified, dispersed and quantifiable (and the last characteristic is fundamental in the political consequence that hashtags may have). In relation to the statement under analysis, #SomosTodos, we take it from the perspective of universality (PÊCHEUX, 1975), thinking about how it joins the discourse of equality - functioning as a "we are all equal" - and the Sujeito de Direito (HAROCHE, 1984), which attempts to see the subjects as equals before the law, with the objective to erase the constitutional contradictions and subjectivities of society and language. Another important point of this research is that, through it, it was possible to observe the displacements of meanings of the statements and how it was affiliated with other ways of signifying: the hashtag, in some posts, is associated with a memory linked to racism (#SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMaju, #SomosTodosMaccos) and at the same time it is possible to see it in advertising and marketing (#SomosTodosBrasil, #SomosTodosOlímpicos) or twisted (#SomosTodosLeo). Then, we perceive productions of different meanings from the same form, which reminds us of what Pêcheux (2006, 53), taught us in his postulate: "every statement is intrinsically susceptible to becoming another, different from itself". As a last reflection, I emphasize the signification of this hashtag from two statements - #NinguéméHaiti" e "Somos Todos Negros?". These statements assign another place of signification to #SomosTodos questioning the universality.

Palavras-chave: Discourse Analysis. Archive. Universality. Hashtag. #SomosTodos

SUMÁRIO

Introdução – p. 13

1. Hashtag é Língua – p. 19

1.1 Relações entre Rua e Rede – p. 19

1.2 A hashtag sob o efeito de arquivo – p.24

1.3 Unidade e Dispersão das *Hashtags* – p. 33

2. “Somos Todos eles, da ralé da realeza”: #SomosTodos em Análise - p. 35

2.1 Análise Preliminar do Objeto: O Jogo de Paráfrases – p. 35

2.2 Hashtags Olímpicas – p. 41

2.3 Caráter Universal da *Hashtag* #SomosTodos – p. 48

3. “O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui” – p. 57

3.1 Memória, Derivas e as Relações com #NinguémÉHaiti – p. 57

3.1.1 Agora Somos Todxs Negrxs ? – p. 63

3.2 A questão da Identificação e Contra-identificação – p. 67

3.3 Outra Hashtag em Análise: a #ForaTemer – p. 69

3.3.1 Adentrando #ForaTemer pela noção de arquivo – p.71

3.4 Sobre a Materialidade do Digital- p.74

4. Considerações Finais – p. 77

5. Referências – p. 79

INTRODUÇÃO

Em junho de 2015, quando comecei a pensar no projeto para ingresso no mestrado, sabia que gostaria de trabalhar com redes sociais que, para mim, naquele momento, se constituíam como uma nova forma de espaço público. Este interesse vinha desde a monografia, na graduação, que fez com que eu me debruçasse sobre os modos de significar “Manifestações de Junho de 2013” nas redes sociais da internet e me fez refletir acerca dos (des)limites entre rua e rede.

Assim, como uma forma de continuar pensando a respeito dos diferentes modos de se mobilizar na rede, a vontade era pesquisar no mestrado, à luz da Análise de Discurso, como as redes sociais podem ser uma forma de manifestação e promoção de campanhas de comoção social. Neste período, a *hashtag* #SomosTodos(...) estava em bastante evidência por conta de vários acontecimentos polêmicos e/ou conflituosos no Brasil e no mundo. #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMacacos, #SomosTodosMaju, #SomosTodosProfessores, #SomosTodosCharlieHebdo, etc. são alguns dos exemplos mais emblemáticos e (re)compartilhados. Todos estes dizeres tinham o intuito de demonstrar apoio, indignação ou denúncia a alguma situação considerada injusta.

Me chamava atenção, no início desta pesquisa e durante a elaboração do projeto de mestrado o uso do verbo *ser* nestas formações, que parecia funcionar como uma maneira de tentar tornar mais próxima a relação entre os cidadãos comuns/internautas àquele que sofreu uma injustiça ou vivenciou um acontecimento ruim. A afirmação de *ser* algo me afetava, soava forte mesmo sendo fraco já que não se *é* de fato; #SomosTodos(...) era a representação de um desejo ou vontade de pertencimento a um determinado grupo.

Com o desenrolar da pesquisa e junto de pressupostos teóricos da Análise de Discurso, foi possível compreender este *ser* coletivo enquanto um universal, um elemento que busca a homogeneização (PÊCHEUX, 1975; HAROCHE, 1984), parecendo funcionar quase como um “somos todos iguais”. O sentido, então, de pretensa igualdade entre os sujeitos, entre os seres humanos, está bastante presente no seu modo de funcionar, que tenta apagar individualidades e particularismos dos sujeitos.

Além disso, esta formulação foi transformando a sua forma de significar ao longo do tempo. Abraçava situações que envolviam casos como o de Amarildo, ajudante de pedreiro que

foi executado pela polícia militar na Favela da Rocinha em 2013, no Rio de Janeiro, cujo desaparecimento tornou-se símbolo da luta contra a violência, racismo e abuso policial. Seu caso gerou uma grande campanha organizada pela produtora Paula Lavigne e teve o apoio de vários artistas, tornando-se um projeto que tinha como objetivo arrecadar dinheiro e dar suporte à família de Amarildo. Também se encaixaram nesta formação situações que envolviam pessoas públicas, como os episódios de racismo sofridos pela jornalista Maju Coutinho (2015) e o jogador de futebol Daniel Alves (2014); grupos específicos mais vulneráveis, como quando os professores do Paraná sofreram uma repressão violenta da polícia em uma manifestação, no ano de 2015, formando o dizer #SomosTodosProfessores. E, ainda, de modo diferente, a formulação foi utilizada para nomear uma Exposição Artística em 2017, intitulada “Agora Somos Todxs Negrxs ?” que teve inspiração no enunciado “Todos os cidadãos haitianos, de agora em diante, serão conhecidos pela denominação genérica de negros” da Constituição Haitiana de 1805. “Agora Somos Todxs Negrxs?”, portanto, viria questionar a universalidade da lei e a pretensa igualdade anunciada pela #somostodos(...).

O modo de significar desta formação se tornou tão abrangente que passou, também, a abarcar não apenas momentos de indignação e comoção social, estendendo-se para apoio e torcidas a candidatos de *Reality Shows* (vide figura 1) ou campanhas publicitárias (como nas Olimpíadas de 2016 com o ‘Somos Todos Brasil’ e ‘Somos Todos Olímpicos’). O sentido anteriormente atribuído apenas a algo que gerasse uma comoção por alguma situação injusta abre-se ao equívoco e funciona em outros lugares. Ou seja, pela equivocidade (Pêcheux, 2006) desta hashtag, #SomosTodos deriva de um lugar de resistência abrindo-se para, também, operar como torcida.



Figura 1 (hashtag #SomosTodosLeo, em apoio ao candidato do Programa MasterChef).

A percepção desta mudança no uso da *hashtag* #SomosTodos(...) me veio durante o andamento das pesquisas no mestrado o que me fez notar, de forma muito clara, o que diz Pêcheux (2006, p. 53) em *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*:

(...)todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro,diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro (a não ser que a proibição da interpretaçãoprópria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente).Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois,linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamentedeterminada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar ainterpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.

Foi, justamente, na tentativa de refletir acerca destas derivas, destes deslocamentos, desse “tornar-se outro” que nos debruçamos sobre a noção de memória e, assim, buscamos compreender o funcionamento de sentido de #SomosTodos(...) ao longo do tempo e com o decorrer de seus usos nas redes e fora delas. Deste modo, entendemos a memória, com base em Pêcheux (1999), não como algo cognitivo ou pessoal, mas na relação com o histórico, com o coletivo e o político, constituindo-se como um já-lá no fio da enunciação que dá condições para a interpretabilidade dos enunciados. Ainda assim, mais que tornar enunciável e entendível um dizer, a memória discursiva também é lugar de confronto e disputa, por isso uma noção tão cara à Análise de Discurso. A memória é disputada e heterogênea e, na sua relação com a linguagem e com sujeitos, se constitui como um lugar de poder:

A certeza que aparece, em todo caso, no fim desse debate é que uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos (PÊCHEUX, 1999, p.56).

Utilizamos, assim, a noção de Memória para pensar no modo como esta hashtag foi, aos poucos, alterando sua forma de significar, ou seus efeitos de sentido, mantendo a mesma estrutura; através do trabalho com a memória é possível compreender os sentidos em disputa que este enunciado carrega.

Além disso, Pêcheux (1999), retomando P. Achard, relaciona a memória com a repetição e regularização de sentidos. Para o autor há, sob a repetição, “a formação de um efeito de série pelo qual uma regularização (...) se iniciaria” (p. 45). O regularizado diz respeito ao legível, ao já-lá da enunciação e essa regularização tende a formar a “lei da série do legível”, que é sempre suscetível a ruir com o peso do acontecimento discursivo novo, que perturba a memória. A memória, então, tende a absorver o acontecimento, mas o acontecimento discursivo, ao formar uma interrupção, pode desmanchar a regularização e produzir, assim, uma

outra série sob a primeira. “O acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema anterior”. (p. 46). Sob este ponto de vista, entendemos que cada substantivo presente na formação #SomosTodos (Amarildo, Maju, Brasil, Macacos, etc) funda um novo acontecimento que forma, assim, uma nova série de sentidos legíveis; cada novo substantivo atribuído a esta *hashtag* desmancha a regularização anterior produzindo uma *série* sob a primeira.

Assim, olharemos para nosso objeto também pela perspectiva da memória metálica que funciona, de acordo com Orlandi (2006), pela distribuição em série, pela adição e acúmulo. Diferente do funcionamento da/pela memória discursiva, na qual a historicidade é ponto fundamental, a memória metálica opera pela *quantidade*. Deste modo, é interessante notar que a *série* produzida pelo novo acontecimento pode ser tanto uma série relacionada à filiação histórica do sentido quanto ao acúmulo e presença em excesso da *hashtag*, possibilitada pelo digital. A “lei da série do legível” da qual trata Pêcheux, formada pela regularização dos sentidos, também ocorre no digital através da Memória Metálica pela produção em massa.

Em minha pesquisa, parto de #SomosTodosAmarildo para montar a análise e considero, assim, este enunciado como base para a organização do corpus deste trabalho – que conta com outras formulações formadas por #SomosTodos e, também, com enunciados compostos por uma *hashtag* (é o caso de #ForaTemer).

Com isso, as *hashtags* posteriores à #SomosTodosAmarildo, os outros #SomosTodos, fundam uma nova série de sentidos através do significado e tudo que representa #SomosTodosAmarildo; esta nova série, não apenas sustentada pelo histórico, é também ancorada no digital, pela produção massiva, pela inscrição em um *Trending Topic*¹. Assim, “um enunciado é sempre suscetível de tornar-se outro” tanto pela sua inscrição na história quanto, em nosso caso, pelo digital, já que a esfera da web permite uma mutabilidade bastante veloz, sendo o tempo do digital “do acesso e da circulação (...), sempre atual e passível de atualização pelo acesso” (DIAS, 2015, p. 975). A atualização da qual trata a autora diz respeito ao caráter não cronológico do digital, mas, aqui, também pode ser lida como uma reapropriação de sentidos que vemos na rede, na qual os sentidos se atualizam e se ressignificam, aliada à inscrição na história, de forma bastante rápida. Assim, defendo que um enunciado como uma

¹ *Trending Topic* pode ser traduzido como “Assuntos do Momento” e é um recurso utilizado, principalmente pelo Twitter, para medir a popularidade de determinados assuntos ou tópicos na rede social. Na maior parte das vezes, o *trending topic* é ancorado e engajado por uma *hashtag*.

hashtag, inscrito na memória metálica, “torna-se outro” de forma mais rápida que se estivesse funcionando apenas pelo histórico.

Neste sentido, é fundamental compreender #SomosTodos enquanto *hashtag* e discutir acerca do funcionamento do digital. É pertinente ressaltar, portanto, que as *hashtags*, amplamente utilizadas em diferentes mídias digitais, surgiram no *Twitter* como uma tentativa de atender a necessidade que os usuários tinham de criar grupos entre si. Chris Messina (2007)², um dos criadores do site e da *hashtag* explica que, no momento em que é reunido o símbolo # (has) a uma palavra-etiqueta (tag), um canal de troca entre os usuários é criado.

Paveau (2013) define a *hashtag* como um segmento linguageiro precedido pelo sinal # - que a torna clicável e possibilita a criação de um fio. São, deste modo, “tecnopalavras clicáveis (...) que permitem a organização da informação pela reunião de várias mensagens[...]” (PAVEAU, 2013, s.p., tradução minha)³. Além disso, a autora afirma que a *hashtag* possui uma função essencialmente social, permitindo a “filiação difusa dos usuários (*ambient affiliation*, noção proposta por Zappavigna 2011), permitindo a technoconversacionalidade e a investigabilidade (pesquisabilidade) da fala” (PAVEAU 2017, p. 198, tradução minha)⁴

É importante registrar que as *hashtags* já ultrapassam o uso nas redes, sendo notadas também em ambientes ‘não-clicáveis’ como em muros de vias públicas, camisetas, cartazes, programas televisivos e até mesmo em enunciações orais. Nas palavras de Paveau:

Encontramos as *hashtags* em um e-mail ou um texto, ou em alguns sites, nos quais eles são integrados linguisticamente nos enunciados, sem sua função hipertextual. Notamos que a forma migrou para contextos em que ela não funciona como uma tecnopalavra; ela possui, portanto, outra função, que será preciso determinar. (PAVEAU, 2013,s.p., tradução minha)⁵

² O artigo de Chris Messina citado é intitulado como “Groups for Twitter; or A Proposal for TwitterTagChannels”.

³ “technomots cliquables (...) qui permet l’organisation de l’information par le rassemblement de plusieurs messages [...]” (PAVEAU, 2013, s.p.)

⁴ “ l’affiliation diffuse (*ambient affiliation*, notion proposée par Zappavigna 2011) des usagers, la technoconversationalité et l’investigabilité (*searchability*) du discours” (PAVEAU, 2017, P. 198)

⁵ “Il arrive de rencontrer des *hashtags* dans un mail ou un texte, ou sur certains sites, où ils sont intégrés linguistiquement dans les énoncés, sans leur fonctionnalité hypertextuelle. On constate donc que la forme a migré dans des contextes où elle ne fonctionne pas comme un technomot ; elle possède alors une autre fonction, qu’il faudra déterminer” (PAVEAU, 2013, s.p.).

Ao circular em meios não clicáveis, a *hashtag* deixa de funcionar como um *hiperlink* e não constrói o fio de significação como é permitido nos ambientes digitais mas, ainda assim, todo o seu funcionamento está significado pelo digital.

Com isso, propomos entender a *hashtag* sob a perspectiva da noção de arquivo, já que ela permite esta “reunião de informações”, defendendo que elas funcionam como um arquivo-disperso. Além disso, como o tempo do digital é constituído “por outros paradigmas que escapam a qualquer cronologia” (DIAS, 2015, p. 975), entendemos que a *hashtag*, além de mutável pelos efeitos da circulação e da historicidade, afeta tanto dizeres que já existiam quanto que virão depois. #SomosTodosAmarildo, por exemplo, bastante (re)compartilhado no ano de 2013, retoma sentidos sobre racismo e violência presentes na Constituição Haitiana de 1805 e afeta o modo de significar de #NinguémÉHaiti (2016)⁶ ou da exposição “Agora Somos Todxs Negrxs ?” (2017). É possível, então, perceber pela análise, a não linearidade da memória, que forma sempre um jogo de retomadas (do passado) e transformação (do/pelo que virá).

Embora a *hashtag* seguida pela formação “Somos Todos” seja o objeto dessa dissertação, a partir do qual o corpus foi constituído, o funcionamento discursivo da *hashtag* de maneira geral interessa para o processo de compreensão dos sentidos pelo digital. Desse modo, também analisamos outras formulações compostas pela hashtag, como a #foratemer, que teve ampla circulação na conjuntura do golpe que retirou do cargo da presidência do Brasil, Dilma Rousseff.

⁶ #NinguémÉHaiti foi uma *hashtag* bastante utilizada depois que o furacão Matthew atingiu o Haiti, no ano de 2016. Seu uso e desdobramentos serão melhor explorados ao longo do trabalho.

1. HASHTAG É LÍNGUA

A análise do discurso, de acordo com Orlandi (1999), busca refletir sobre como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Assim, “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ibidem, p. 15). Desde modo, é importante lembrar que Pêcheux (1975) afirma que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Logo, o discurso é o lugar no qual pode-se observar a relação entre língua e ideologia, “compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para sujeitos” (idem). A língua, portanto, é um lugar de poder, no qual materializam-se discursos, ideologias, constituição de sujeitos e sentidos. Com isso, a língua também é disputa; não apenas no sentido de luta pelo que representaria uma “língua mais “correta” e, portanto, legítima”, mas de sentidos. Estar em linguagem é brigar por sentidos.

Este capítulo, “Hashtag é Língua”, toca, justamente, no fato de que a hashtag funciona de forma discursiva e se constitui como lugar de poder e disputa. No primeiro item, é possível compreender como a *hashtag* e discursividades tipicamente do digital podem ocupar a rua (e vice-versa), bem como o fato de que urbano e digital se inter-relacionam, quase não havendo diferença na forma como os dois produzem efeitos. Mais adiante, em “A *hashtag* sob o efeito de arquivo” a noção de arquivo (Pêcheux, 2010) é levantada, no intuito de sustentar que a *hashtag* forma um grande arquivo digital que – como é melhor explicitado no terceiro item – é uno e disperso (ORLANDI; GUIMARÃES, 1988), ou seja, organizado e quantificado nas redes mas, ao mesmo tempo, heterogêneo.

1.1 Relações entre Rua e Rede

Para melhor compreender nosso objeto de estudo e como se dá sua constituição de sentidos, é importante entender o lugar no qual ele se insere e onde se inscreve. Assim, penso que trazer a reflexão sobre as relações entre rua e rede, urbano e digital é relevante uma vez que estes dois modos de circulação de sujeitos e sentidos também fazem parte da forma como a hashtag significa e produz efeitos.

Os meios de comunicação digitais permitem uma conexão em tempo integral, desencadeando novos espaços de interação, de visibilidade e legitimação. Tais espaços podem ser exemplificados com as redes sociais da internet, que concedem um grande processo de contatos e, justamente pela agilidade na forma de interagir, ganham uma forte presença no

cotidiano dos seus usuários e possuem um grande impacto social (Mendonça, R.; Manieri, T., 2014, p. 188), por tratar-se de um local de fácil propagação e visibilidade de opiniões sobre os mais diversos assuntos. De acordo com Recuero (2009, apud, Mendonça, R., Manieri, T., 2014, p. 188), o advento da comunicação mediada pelas mídias digitais demonstra uma forte mudança nas formas de organização, identidade e mobilização social, pois os movimentos que acontecem nestes espaços são capazes de representar aquilo que está em processo de mudança.

Na visão de Tufte (2013, p.63), as novas mídias digitais “[...] exercem papel central nos movimentos sociais contemporâneos, circulando a informação, abrindo espaços para críticas sociais e facilitando novas formas de mobilização social”. Além disso, o autor salienta que as mobilizações sociais que ocorrem fora de arenas institucionais formais (no caso, pela internet) estão gerando processos não vistos antes de crítica social, política, ação coletiva e mudança social. Ou seja, as novas mídias estão mudando a conjuntura social no que diz respeito a movimentações político-sociais.

Para tanto, Castells (2012) aborda que as mobilizações populares ocorridas ao redor do mundo no início do século XXI (em especial 2010 e 2011) constituíram uma ocupação tanto das ruas quanto das redes na internet, que é descrita pelo autor como uma nova instância do espaço público. Dentro disso, “espaço público” teria duas acepções: pela primeira, é definido como a “capacidade dos cidadãos para discutir e criticar o estado” (ibidem, p. 86), sendo importante para promover o debate de assuntos públicos pelos diversos atores e, pela segunda noção, são definidos como “espaços que todos podem usar” (idem), aqueles abertos, com circulação livre de sujeitos. Para o autor, as redes sociais se constituem como esse novo ponto de encontro e de discussão política e social e, neste sentido, o autor propõe que há uma tendência para a ampliação do espaço público em direção às redes sociais – local em que as questões de utilidade geral podem, geralmente, ser discutidas de forma mais livre.

Deste modo, é possível compreender que o digital já é constitutivo de nosso cotidiano, de nossas práticas enquanto sujeitos. Ele permeia nossos modos de ser no mundo e nossas relações com os outro(s), permitindo, de acordo com Chiaretti (2016, p. 34), que os mais diversos pesquisadores o vejam como desencadeador de novas formas de subjetivação.

Dias (2011, p. 23) aponta que estamos, em todos os lugares,

afetados pela discursividade do eletrônico. Ela não está nos objetos, na relação entre eles, ou no acesso a eles, nem mesmo no acesso à internet. Está no processo histórico e ideológico de significação da nossa

sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como significamos os espaços e somos por eles significados, do modo como somos individuados pelo Estado na forma do discurso da tecnologia.

A discursividade digital, portanto, já é estruturante do nosso modo de significar. Mesmo sujeitos que não se utilizam de aparelhos eletrônicos, ou não possuem acesso, são atravessados pelo mundo significado digitalmente.

Se pensarmos nas grandes manifestações de rua que marcaram o início dos anos 2010, como a Primavera Árabe (2011) ou as Manifestações de Junho no Brasil (2013), rapidamente somos levados às redes sociais, que foram o grande meio de organização destes movimentos. Elas funcionavam como lugar de divulgação do que acontecia nas ruas e como espaço de mobilização e promoção de palavras de ordem, *posts* ou *hashtags* relacionadas às manifestações. Desta forma, rua e rede - urbano e digital - se complementavam no modo de significar e fazer as manifestações.

E, justamente, tomando o espaço urbano como “espaço simbólico trabalhado em/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes” (ORLANDI, 2001, p. 186), podemos concebê-lo ressignificado pelos instrumentos tecnológicos (DIAS, 2011, p. 14), sendo agora marcado pelas relações dos sujeitos atravessadas pelo digital. O eletrônico, segundo Dias (idem), “significa o social na ordem do discurso urbano”.

A relação entre rua e rede é tão significativa que, durante as Manifestações da Primavera Árabe, de acordo com Dias (2016)

a Internet saiu do ar e as redes sociais Facebook e Twitter foram bloqueadas. Fazê-lo, é uma maneira de impedir a conectividade, que naquela conjuntura significava a forma de organização da manifestação. A desconexão é, no mundo contemporâneo, uma das maneiras de impedir a multidão ou o encontro (p. 264).

Assim como a desconexão pode significar uma forma de controle, privar ou dificultar o acesso em/de vias urbanas e locais públicos também demonstra um impedimento, um corte.

Em 2014, por exemplo, tivemos em grandes cidades do Brasil os chamados rolezinhos⁷, encontros – principalmente em shoppings - nos quais jovens da periferia se

⁷ No começo, os rolezinhos eram convocados por cantores de funk, em resposta a um projeto de lei que proibia bailes deste estilo musical em algumas ruas de São Paulo.

reuniam para se divertir, trocar ideias, ou simplesmente se encontrar. De acordo com Bortolon (2017, p. 166), os rolezinhos foram

(...) criados a partir da potência das redes sociais desde a descoberta da possibilidade de mobilização instantânea convocada por meio da internet, os rolezinhos brasileiros reuniram milhares de jovens, oriundos principalmente das periferias das grandes cidades brasileiras, ocupando espaços até então consagrados ao consumo e comportamentos comedidos, como os shoppings centers. Pouco tempo depois, os rolezinhos começaram a incomodar a direção e o público típico deste espaço e, com isso, alguns estabelecimentos conseguiram respaldo judicial para fazer triagem de clientes.

Já em 2016, no Rio de Janeiro, repercutiu nas redes e nos noticiários a proibição do acesso às praias da zona sul por adolescentes e jovens moradores de comunidades carentes. A polícia intervinha fortemente para reprimir a chegada à praia já dentro dos transportes públicos antes que, de fato, se estivesse no destino desejado. Além disso, é possível lembrar a ausência de transporte público interligando certas regiões, dificultando o acesso. Segundo Dias (2016), isto faz parte dos modos de regulação da circulação dos sujeitos, que ocorre tanto nas ruas quanto nas redes.

Sendo a cidade, como aborda Orlandi (2001), um espaço simbólico significante, a ausência ou presença de transporte público, controle de acesso em determinados pontos da cidade possuem um sentido político. Assim, trago Zoppi-Fontana (2003) que, em sua reflexão sobre a identidade dos camelôs, atentou-se também para o modo como o “espaço público” significava. Para a autora, há um processo de universalização da noção de espaço público, visto como aquele que seria “de todos e de ninguém”. Esta aceção apaga contradições de classe e discursos que reivindicam formas diferentes – ou menos privilegiadas – de viver no espaço público:

pelo efeito de naturalização/evidência que caracteriza o funcionamento do senso comum, o enunciado ESPAÇO PÚBLICO, DE TODOS E DE NINGUÉM se oferece como emblema de um discurso sobre o urbano que deixa fora de circulação os enunciados que reivindicam direitos diferenciados que contemplem práticas sociais reais e antagônicas de ocupação e uso do espaço. Não haveria, pois, espaço -nem urbano nem discursivo- para a afirmação de direitos coletivos que contestem a organização jurídico-administrativa imposta; daí as operações de negação e oposição orientada presentes nas formulações quando o sujeito urbano em questão é designado partitivamente através de indefinidos não quantificados universalmente, tais como “alguns”, “uma classe”, “uns poucos” (...) (p. 253).

Como as redes sociais, conforme apontou Castells, são uma “nova instância do espaço público”, elas também possuem divisões e são lugares de disputas; assim como as ruas, elas significam politicamente. De acordo com Dias (2016), no ambiente da internet as fronteiras ainda existem e continuam dividindo os sujeitos em espaços politicamente significados.

Posto isso, é interessante pensar que, mesmo que a internet seja colocada neste lugar do universal, na qual todos teriam acesso e poderiam manifestar-se e discutir de “forma mais livre”, também há fronteiras e exclusões. No Brasil, segundo dados divulgados pela Locomotiva Pesquisa e Estratégia no ano de 2017⁸, 54,4% da população tem acesso à internet. A maior parte das pessoas excluídas do ambiente digital possui renda inferior a um salário mínimo e estão longe dos grandes centros urbanos. Na Região Norte, 55% da população não está inserida no ambiente digital⁹. O (não) acesso, além de causar impactos culturais e comunicacionais, também interfere na economia. De acordo com a mesma pesquisa, o número de pessoas que procuram novos empregos, vendem e compram produtos a preços mais acessíveis e fazem pesquisa de preço é maior quando estão conectadas.

Assim, trago novamente Dias (2016), que propõe que a mobilidade digital se organiza pelo acesso a redes e é pelas formas de distribuição dessas redes que as linhas divisórias se estabelecem e que o sentido se configura na relação com as condições de produção, “deslocando, assim, a ordem do discurso urbano, da qual o conflito, o movimento, a ruptura e a resistência são parte” (idem, p. 265).

Ou seja, rua e rede, urbano e digital se relacionam na medida em que ambos nos constituem enquanto sujeitos. Os dois são lugares de significação e, portanto, políticos. Se pensarmos mais especificamente nas *hashtags*, é interessante notar como é possível encontrá-las em muros de vias públicas, cartazes, transporte público, etc. Um símbolo clicável, típica e originalmente do digital constituindo a cidade em seu espaço físico. Na rua, não é possível clicar mas, ainda assim, há uma inscrição no arquivo digital do qual a *hashtag* faz parte e o

⁸ A pesquisa foi consultada através do site: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2017/02/menos-internet-mais-desigualdade.html>>, acesso em 18 de janeiro de 2017.

⁹ Segundo pesquisa feita pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), divulgada em <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/05/30/Quem-%C3%A9-a-popula%C3%A7%C3%A3o-sem-acesso-%C3%A0-internet-no-pa%C3%ADs>>, acesso em: 18 de janeiro de 2018.

espaço também pertence a este arquivo. O ato de compartilhar atravessa a tela do eletrônico e preenche o muro, ressignificando tanto a rua quanto a rede.

1.2 A *Hashtag* sob o Efeito de Arquivo

Michel Pêcheux, em *Ler o Arquivo Hoje*, toma o arquivo como um “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (2010, p. 51). Ao longo de sua reflexão, é perceptível para Pêcheux a importância da leitura e da interpretação, postas como gestos fundamentais na construção do arquivo, o que já coloca em questão e torna bem mais complexa a definição do arquivo como campo de documentos disponíveis sobre uma questão. No entanto, segundo o autor, houve uma tendência para utilizar o arquivo com fins estatais ou comerciais e, deste modo, desenvolvem-se métodos de tratamento em massa do arquivo textual, com o intuito de torná-lo “facilmente comunicável, transmissível e reproduzível”(2010, p. 52). Como resultado disso, gerou-se uma divisão social do trabalho de leitura e interpretação, na qual inscreve-se uma relação de dominação política:

a alguns, o direito de produzir leituras originais, logo “interpretações”, constituindo, ao mesmo tempo, atos políticos (sustentando ou afrontando o poder local); a outros, a tarefa subalterna de preparar e de sustentar, pelos gestos anônimos de tratamento “literal” dos documentos, as ditas “interpretações” (PÊCHEUX, 2010, p. 53).

Neste sentido, o autor põe em vista a ambiguidade da chamada *palavra de ordem* “aprender a ler a escrever” já que, por um lado, lê-se visando a apreensão de um sentido unívoco inscrito nas regras da escola e, por outro, a leitura é tida como um trabalho sobre a pluralidade dos sentidos (ibidem, p. 54). Com isso, o risco é, segundo Pêcheux, o “policiamento dos enunciados” que levaria ao “apagamento seletivo da memória histórica” presente nos arquivos. Isto corrobora o que diz Robin (2016, p. 316) acerca do fetichismo em relação aos arquivos, ou seja, a ideia forte de que é fundamental que haja na sociedade uma preservação dos vestígios, uma acumulação. Este desejo de conservar a qualquer custo, proteger e classificar os arquivos pode tornar, de acordo com a autora, a memória inacessível.

Assim, o “fato da língua”, segundo Pêcheux (2010, p. 58), foi e permanece consideravelmente subestimado nas leituras de arquivo e, muito disso, deve-se a esta “normalização da leitura” ou ao apagamento da memória, do político. Para Pêcheux, então,

um trabalho de leitura do arquivo deve considerar a *materialidade da língua na discursividade do próprio arquivo* fazendo valer, mesmo no trabalho com a informática, os interesses históricos, políticos e culturais levados pelas práticas de leitura de arquivo. Logo,

nem ceder às facilidades verbais da pura denúncia humanista do “computador”, nem se contrair ao campo da informática (o que tornaria a reforçar o projeto desta), mas tomar concretamente partido, no nível dos conceitos e dos procedimentos, por este trabalho do pensamento em combate com sua própria memória, que caracteriza a leitura-escritura do arquivo, sob suas diferentes modalidades ideológicas e culturais, contra tudo o que tende hoje a apagar este trabalho. Isso supõe também construir procedimentos algoritmos informatizados, traduzindo, tão fielmente quanto possível, a pluralidade dos gestos de leitura que possam ser marcados e reconhecidos no espaço polêmico das leituras de arquivos. (PÊCHEUX, 2010, p. 59)

Nesta discussão, é relevante lembrar a noção de memória de arquivo (ORLANDI, 2003), constituída como a memória institucional, que alimenta a impressão de “literalidade”, “acentuando a ilusão de transparência da linguagem, sustentada pelas instituições, lugares por onde circula o discurso documental e que servem a sua manutenção e estabilização” (ibidem, p. 4). Esta estabilização dos sentidos, portanto, produz um efeito de fechamento; há um congelamento e uma organização dos dizeres que, conforme a autora, ficam datados na relação arquivo-memória. Por esta via, o modo de funcionar do arquivo se contrapõe à memória discursiva que, pelo trabalho com a historicidade, funda uma relação com a exterioridade e abre-se para outros sentidos, “dispersa, põe em movimento” (idem). O arquivo, assim, se estrutura, de acordo com Zoppi-Fontana (2005, p. 5), pelo

não-esquecimento, pela presença, pelo acúmulo, pelo efeito de completude. E, também, pela autoria em relação a práticas de escrita, de legitimação, de documentação, de indexação, de catalogação, de permanência, de acessibilidade.

E, segundo Guilhaumou e Maldidier (2010, p. 162), todo arquivo é identificado pela presença de uma data, de um nome próprio ou de uma chancela institucional; ou, ainda, “pelo lugar que ele ocupa em uma série”. Essa identificação, porém, para os autores, diz pouco sobre o funcionamento do arquivo uma vez que, em concordância com Pêcheux, “o arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes” (p. 162).

Para que se chegue, então, nestas configurações significantes possibilitadas pela leitura do arquivo, é necessário o gesto de interpretação que se faz, justamente, entre a memória

institucional (o arquivo) e os efeitos de memória. Esta relação permite tanto a estabilização quanto o deslocamento de sentidos (ORLANDI, 1999, p. 48).

Tomando estas reflexões para pensar o funcionamento das *hahstags*, é interessante notar como elas funcionam sob o efeito de arquivo, já que cada uma delas carrega, em si mesma, este *campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão*. Abrahão e Garcia (2013) colocam que a internet e, mais especificamente, as páginas no facebook, constituem um grande arquivo de questões sociais, históricas e econômicas que circulam na sociedade. Isto, de acordo com os autores em concordância com Romão (2005), forma uma construção que dialoga com prática organizativa, uma memória autorizada a circular, representando o poder e seleção de informações possíveis e passíveis de serem conhecidas e reconhecidas em determinados espaços.

E, no Facebook, tal construção dá-se ao modo de um pergaminho com extensão “ilimitada” que se desenrola a cada novo post, conservando (não todamente) o que foi inserido antes e o que está em curso no gerúndio do agora. Isso implica um arquivo em movência, em construção contínua e com uma atualização permanente. Arquivo que, além deste traço, se enreda a partir de várias vozes, se enovela em outro que é uma rede de conexões com extensão imprevisível (ABRAHÃO ; GARCIA, 2013, p. 87-88).

Acredito que, no caso específico das *hashtags*, esta prática organizativa da qual trata a autora se torna ainda mais evidente. Através do clique em uma determinada *hashtag*, por exemplo, é possível se deparar com as mais variadas informações acerca de um determinado tema e, ainda, pode-se filtrar a forma como estas informações aparecem (vídeo, imagem ou post) e por quem elas estão sendo enunciadas (amigos que fazem parte do seu perfil, publicações em grupos ou cidadãos comuns (no caso, posts públicos)).

Ao clicar em #SomosTodosAmarildo (figuras 2, 3, 4 e 5), por exemplo, é possível encontrar reflexões acerca da violência policial, direitos humanos, segurança pública nas periferias das grandes cidades, racismo, descaso do Estado, notícias a respeito da família de Amarildo, simples relatos de indignação, convites para ajudar no projeto #SomosTodosAmarildo, etc. Já se tomarmos outra *hashtag*, como #SomosTodosBrasil (figuras 6, 7 e 8), temos através do clique notícias a respeito das Olimpíadas do Rio em 2016, reportagens e *posts* acerca de atletas e competições esportivas, propagandas do Governo Federal, informações sobre obras e construções específicas para as Olimpíadas, palavras de apoio aos esportistas, etc.



Figura 2 (Show de Caetano Veloso e Marisa Monte pela Campanha #SomosTodosAmarildo).

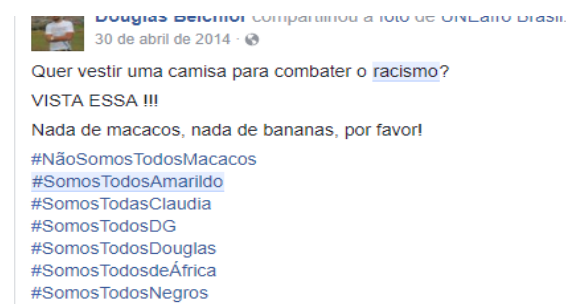


Figura 3 (post com hashtag #SomosTodosAmarildo)

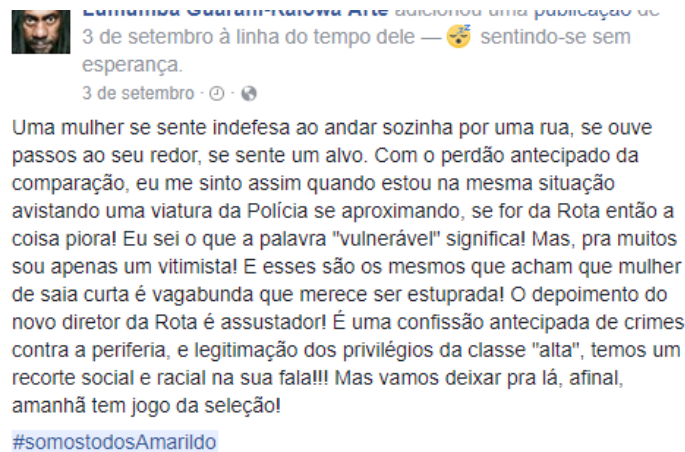


Figura 4 (post que utiliza #SomosTodosAmarildo e levanta a discussão sobre violência policial).

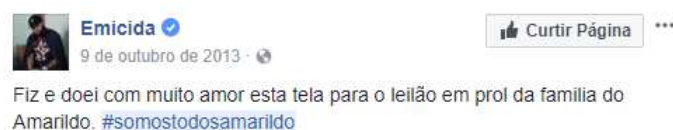


Figura 5 (post de ajuda à família de Amarildo, com a hashtag #SomosTodosAmarildo)



Figura 6 (post da campanha #SomosTodosBrasil)



Figura 7 (post da campanha #SomosTodosBrasil)



Figura 8 (post da campanha #SomosTodosBrasil)

Todo este grande e variado arquivo em torno da materialidade discursiva da *hashtag* atesta que há muitas leituras possíveis sobre um acontecimento e a maneira como estas informações serão publicadas, tratadas e interpretadas demonstram, justamente, gestos diferentes de leitura do arquivo.

Deste modo, conforme Pêcheux (2010, p. 58), “é esta relação entre a língua como um sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a discursividade como inscrição de efeitos

linguísticos materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo”. Ao interpretar, confrontos e posições diferentes se colocam à tona. Assim sendo, percebe-se, no trabalho com o arquivo e, em nosso objeto específico, na relação com as *hashtags*, que estas disputas e diversas maneiras de ler deixam claro o fato de que o digital, as *hashtags*, também se constituem como um fato da língua, sujeita à falha e ao equívoco.

Neste sentido, é fundamental salientar o que nos ensina Dias (2015) acerca da importância de, justamente, não subestimar o “fato da língua” na leitura do arquivo, ou seja, “não tomar como evidência do arquivo o resultado da busca” (Dias, 2015, p. 974) e, para nosso trabalho, o resultado do clique, pois ele se constitui apenas como dados em relação algorítmica dentro de uma memória metálica. É preciso, segundo a autora, atentar-se para as correspondências que estes dados/resultados/informações engendram em nós, o que se dá pela filiação a uma memória histórica. É por esta via que falamos de um trabalho e de gestos de leitura do/com o arquivo.

Além disso, o efeito de arquivo possibilitado pelas *hashtags* é aberto, está em construção; não funciona sob o efeito de fechamento e estabilidade. A *hashtag* forma um arquivo na ideia da dispersão – assim como o discurso, que é caracterizado pela dispersão dos textos e dos sujeitos (GUIMARÃES; ORLANDI, 1988). A dispersão na *hashtag* é percebida por sua característica de concentrar formações discursivas diferentes em torno de uma mesma *tag* e ao fato de estar sempre aberta e circulando, o que inviabiliza a leitura em uma ordem tradicionalmente cronológica. Isto forma, segundo Dias (2015), a leitura *dispersiva*, constitutiva do funcionamento do arquivo no digital que, em seu modo de funcionar, desloca o fio temporal linear e dá lugar para a predominância da ordem espacial, na qual se impõe a visualidade (ibidem, p. 975). Esta dispersão, conforme a autora, propõe um ritmo específico ao trabalho de leitura – próprio da maneira como/onde circulam as *hashtags*.

Assim, é pertinente trazer Orlandi (2001), que formula três momentos de produção de sentido, mais explicitamente:

- 1) Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
- 2) Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
- 3) Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições (ORLANDI, 2001 p. 09)

O momento da constituição corresponde ao interdiscurso, à memória, sendo representado pela autora como um eixo vertical que concentra dizeres já anteriormente ditos (e

esquecidos). E é por conta da constituição que podemos tratar da formulação, pois tudo que é formulado está neste eixo vertical e, portanto, na perspectiva do dizível. Há, então, um jogo entre uma memória e uma atualidade nos discursos já que “todo dizer se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação), e é desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 1999, p.33).

Formular, assim, conforme Orlandi (2001, p.9), “é dar corpo aos sentidos”, dar corpo e forma à inscrição do sujeito na história. A formulação é “o acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula manifestamente seu dizer. Dá o contorno material ao dizer instaurando o texto” (ORLANDI, 2001, p.10). Ou seja, o interdiscurso (a constituição) é o que delimita e dá corpo ao intradiscurso (formulação) e todo dizer faz sentido e se constitui pois é atravessado pela memória, por já-ditos.

Já a circulação corresponde aos modos pelos quais estes sentidos formulados circulam. Em nosso caso de análise, no qual o suporte possibilitado pelo digital é de fundamental importância e constitui o próprio arquivo, pensar na instância da circulação nos é muito caro, pois ela faz parte da historicidade e do modo de significar das *hashtags*. Dias (2015), ao tratar do arquivo digital, aborda que o tempo do digital é do acesso e da circulação, sendo sempre passível de atualização pelo próprio acesso. As *hashtags*, então, ao significarem também pela circulação, além de se inscreverem na Memória Discursiva e na de Arquivo, se inscrevem na Memória Metálica, a memória das máquinas, da circulação que

não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade (Orlandi, 2006, p. 5).

#SomosTodos(...), por ter um uso notável, por seu compartilhamento em torno do mesmo que convida cada vez mais à colaboração, ao uso, ao clique vai crescendo, juntando-se em torno de muitos que se almeja ser (Amarildo, Maju, Brasil..) formando, justamente, esta “rede de filiação” através da possibilidade de circulação e acesso pela máquina na qual o mesmo é atualizado no intradiscurso. A *hashtag*, portanto, funciona como uma “repetição horizontal, uma re-atualização constante do sentido, presentificando a história no imediatismo da circulação, do “tempo real” (Dias; Coelho, 2012, p. 236).

Assim sendo, Dias (s.d.) insere a memória metálica na instância da circulação já que, nas redes, quanto mais atualizações um sujeito disponibilizar em seu perfil, haverá mais visibilidade uma vez que a circulação aumentará. Mais que a filiação do sujeito em uma rede de constituição de sentidos, neste caso, “o ponto de partida para a construção dos sentidos” se envolve pela e na atualização e circulação. O funcionamento da hashtag, desta forma, privilegia a produção de sentidos pela quantidade. A hashtag significa pela quantidade.

Nesta perspectiva, trazemos Paveau (2017, p. 203), que propõe que a *hashtag* faz o discurso investigável (pesquisável) e esta investigabilidade pode assumir várias formas: a criação de um tópico ao se clicar em uma *hashtag*; usando a ferramenta de busca no twitter e/ou seguindo tópicos de “tendência”, os chamados Trendding Topics, que são atualizados em tempo real. Assim, por conta deste caráter investigativo e discursivo das *hashtags*, a autora traz a noção de “batalha de hashtags”, que se constitui por ser um tipo de discurso nativo do Twitter e da web. Paveau elucida que há vários métodos para lançar uma batalha como, por exemplo, criando uma contra-hashtag (ou seja, uma hashtag que faça uma oposição a outra) ou *hackeando* a primeira. No Brasil, é possível lembrar da *hashtags* #voltaquerida e #ficaquerida, fazendo oposição à #tchauquerida, que ganharam evidência no ano de 2016, durante o processo de golpe que tirou a presidente Dilma Rousseff de seu cargo. Estas batalhas, de acordo com Paveau, mostram que a suposta violência das redes sociais e seu poder de incômodo podem encontrar respostas nos mesmos dispositivos, a partir das mesmas ferramentas e formas tecnolinguageiras.

Ainda sobre os *Trending Topics*, ou seja, dispositivo que marca e divulga os *assuntos do momento* a partir da quantidade de compartilhamentos, é interessante notar que, quanto mais promovida e recompartilhada, a *hashtag* pode virar tendência e atrair mais usuários para a discussão (ou apenas percepção) do tópico proposto. Quando uma *hashtag* se insere nos *Trending Topics*, portanto, ela passa a ter outro estatuto, outro modo de significar; mais que uma simples *hashtag*, ela passa a ter certo valor possibilitado pela quantidade, por sua presença em determinado *ranking* em um momento histórico específico. Neste sentido, os *Trendings* não apenas colocam em evidência um assunto muito comentado, mas também funcionam como lugares de poder; uma hashtag que vence uma batalha vence, também, um debate público permeado pelo digital. E é por conta disto que entendemos que as *hashtags* significam pela quantidade.

Quando um 'evento' ou 'fórum' ou 'post' ou 'perfil' viraliza, isto implica que aquela unidade de informação adquiriu a capacidade de se

reproduzir de forma autônoma, o "streaming" se espalhando com força e velocidade exponenciais. Neste ponto acontecem tentativas de stalkear (quebrar o código, "tomar a administração de") uma dada página, ou post, e/ou tentar identificar quem são "os líderes", quem teria convocado o movimento(...). Na prática, se um tweet 'postado' por um perfil é muito republicado, o perfil ficará próximo a perfis jornalísticos, políticos, empresariais, governamentais, de celebridades e outros. Um post pode ganhar centralidade tenha ele vindo de um governante poderoso (@barackobama), uma corporação global (@cocacola) ou de um '@fulano' qualquer; a força que cria a posição do perfil não deriva de um desejo do perfil, nem apenas de sua visibilidade, mas sobretudo de como este é apropriado pela rede) (COSTA-MOURA, 2014, p. 5).

Neste ponto, ressalto que o *trending* não nos diz apenas sobre a visibilidade de uma hashtag ou sobre qual seria o assunto do momento. A batalha de hashtag possibilitada pelos Trendings revela uma dominância entre diferentes discursos; o dispositivo da hashtag produz relações de poder justamente no digital e no modo como funciona o arquivo no digital – afetado pela quantidade e pela circulação. Deste modo, a hashtag que vence uma batalha cria uma hegemonia de sentidos pela repetição. Assim, a repetição e a quantidade ao se constituírem, através da hashtag, como lugar de poder estabelecem relações desiguais na circulação e na memória formando linhas de dominação entre sentidos. O debate público, portanto, que determinada hashtag vence por uma batalha se dá pela hegemonia de certos sentidos através da circulação; aí está a força dos arquivos digitais – que funcionam pela repetição e circulação.

Este funcionamento, aliado à inscrição da *hashtag* na memória metálica, permite que este arquivo seja contável e organizado e forma uma unidade justamente em meio ao seu caráter dispersivo, também constitutivo do arquivo digital (cf. Dias, 2015). Deste modo, verificamos que as *hashtags* são um lugar, ou um modo de tomar a palavra, que opera pela dispersão e ao mesmo tempo pela unidade possibilitada pelo seu caráter contável e listável através dos *trending topics*. O interessante é que este arquivo, mesmo compondo a unidade pela dispersão, ainda não produz o efeito de fechamento visto nos modos de funcionamento dos arquivos tradicionais. A *hashtag*, então, funciona como um elemento unificador dos discursos dispersos que se textualizam nas redes e é possível observar, através delas, a língua em seu funcionamento. O jogo que ocorre por conta das lacunas, coerções e latitudes - da própria língua -(Pecheux; Gadet, 1981, p. 100) se mostram nos usos de #SomosTodos(...) e das demais *hashtags*.

1.3 Unidade e Dispersão das *Hashtags*

Partindo da ideia de que as *hashtags* funcionam pelo jogo entre unidade e dispersão, trazemos Orlandi e Guimarães (1988), que abordam o texto e o sujeito como constitutivamente dispersos. A evidência, no entanto, de que o sujeito é “mestre de si”, autônomo, traz uma aparência de unidade para o sujeito, de completude e de transparência dos sentidos (GUIMARÃES E ORLANDI, 1985, p. 57), mesmo que na realidade ele se constitua por diferentes materialidades, tendo uma relação dinâmica com a história e a ideologia. No que diz respeito ao texto, um fenômeno parecido acontece uma vez que, para os autores, o texto é uma unidade de análise mas não se configura como uma unidade de construção do discurso pois “pode haver enunciados de formações discursivas diferentes em cada texto efetivo” (ibidem, p. 59).

Cada texto tem, assim, uma certa unidade discursiva com que ele se inscreve em um tipo de discurso determinado. Então, no discurso penalístico, por exemplo, temos textos de formação discursiva x, outros de formação discursiva y, etc. (ibidem, p. 60).

Essa unidade textual, salientam Orlandi e Guimarães, é constituída enquanto dominância (de uma determinada Formação Discursiva em detrimento de outras) e trata-se de um *efeito* discursivo já que o texto em si é heterogêneo e disperso, é uma “unidade que se constitui de um concerto polifônico” (idem), ou seja, de muitas e múltiplas vozes. Na análise de Guimarães e Orlandi, foi concluído que a maneira como o texto é organizado pode apagar várias posições discursivas diferentes; este apagamento se dá pela passagem do sujeito (disperso) para o autor (unitário) ao textualizar. Assim, “a formação discursiva dominante que rege as diferentes posições sujeito no texto propicia-lhe unidade” (ibidem, p. 71).

Deste modo, assim como texto e sujeito funcionam pela dispersão e sob o efeito de unidade as *hashtags*, no digital, também operam neste batimento. O arquivo formado em torno de uma *hashtag* reúne múltiplos textos, imagens, posts, vídeos, propagandas, enfim, tudo que as redes sociais permitem; é um arquivo aberto e disperso, no qual diferentes formações discursivas, diferentes vozes se encontram. Ao mesmo tempo, no entanto, ele produz este efeito de unidade ao unificar todos estes dizeres em torno de uma mesma *tag*, aparentando a presença de uma só formação discursiva (a dominante). Acredito que, quando uma *hashtag* começa a fazer parte de um *Trending*, esta noção aparente de unidade se torna ainda mais forte já que, devido aos grandes números de recompartilhamentos, a formação discursiva dominante se torna mais visível. O efeito de unidade e completude é produzido mesmo que exista heterogeneidade

e muitas vozes presentes. Há uma relação importante, portanto, entre a quantidade, o dispositivo tecnológico da hashtag, a circulação no discurso digital e a dominância de sentido. O efeito de unidade é produzido pela quantidade e circulação, assim como a formação discursiva dominante que se forma através dele.

Neste sentido, é importante ressaltar que mesmo dispersas e funcionando sob o eixo da circulação, as *hashtags* também são afetadas pelo político já que

“Isso circula”, como adquirimos o hábito de dizer, fazendo dessa circulação a imagem positiva de nossa modernidade discursiva liberada, ou ao contrário, a falsa moeda das línguas de vento: os turbilhões esfumados do “não importa o que” destinados a chamar a atenção, desviando-a dos “problemas reais”. Não seria tempo de destituir essa imagem duplamente satisfatória da circulação, assumindo o fato de que as circulações discursivas não são jamais “não importa o que”? (PÊCHEUX, 1981, p. 18)

Ao tratarmos, então, das *hashtags* e fundamentarmos nossa reflexão considerando que elas se constituem enquanto arquivo, estamos discutindo, também, o funcionamento do histórico, do político, das relações de memória e dos confrontos e disputas que fazem parte da sociedade contemporânea. Assim, pensamos, sobretudo, a língua, em pleno funcionamento, com todos os seus equívocos, afetada pelo digital – que já nos constitui e é lugar de múltiplos embates.

2. “SOMOS TODOS ELES DA RALÉ DA REALEZA”: #SOMOSTODOS EM ANÁLISE

Somos comunistas
E capitalistas
Somos anarquistas
Somos o patrão
Somos a justiça
Somos o ladrão
Somos da quadrilha
Viva São João
 (...)

Maré, me leve (somos comunistas e também capitalistas)
Maré, me leve (somos um só, um só)
 Banda Tribalistas

Neste capítulo, será possível encontrar uma análise do enunciado #SomosTodos, compreendendo-o pelo seu caráter universalizante e equívoco. A música da Banda Tribalistas, em meu entendimento demonstra, justamente, este jogo que permeia o enunciado em análise – ao mesmo tempo ralé e realeza; comunista e capitalista tentando formar um só seguindo a “maré”, ou seja, a *hashtag*, o que é (re)compartilhado e presentificado na *timeline*.

Assim, no primeiro item, é feita uma análise geral do objeto e de alguns enunciados: #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMaju, #SomosTodosMacacos, #SomosTodosProfessores e #SomosTodosLeo. No segundo, “Hashtags Olímpicas”, atentamos para o acontecimento das Olimpíadas de 2016, no Brasil, que suscitou duas hashtags: #SomosTodosBrasil e #SomosTodosOlímpicos. Por fim, há uma reflexão, com base na noção de Sujeito Universal (Pêcheux, 1975) sobre o modo de produzir sentidos deste enunciado, que seria pela universalidade, como herança do Sujeito de Direito (Haroche, 1984).

2.1 Análise Preliminar do Objeto: Jogo de Paráfrase

Orlandi (1999) aborda que todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais “em todo dizer há sempre algo que se mantém”, isto é, o dizível, a memória sendo, portanto, o retorno ao mesmo espaço de dizer. Enquanto a paráfrase está ao lado da estabilização dos sentidos, a polissemia traz a ruptura, o deslocamento. De acordo com a autora, estas duas forças

trabalham de maneira contínua, de modo que todo discurso se faz na tensão entre “o mesmo e o diferente” (ORLANDI, 1999, p. 34).

Se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem o sujeito, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia (idem, p. 35).

A construção dos sentidos é, então, constante, nunca termina e isto se dá pela inscrição dos sentidos na história, na língua e pelo jogo entre paráfrase e polissemia: este jogo, ainda de acordo com Orlandi (1999), atesta o confronto entre simbólico e político. “Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos” (idem, p. 36). Assim, é necessária, na análise, a compreensão de como o político e o linguístico se relacionam na produção de sentidos ideologicamente marcados. O contato com a materialidade do texto, então, é um elemento principiador do movimento de análise para desfazer a evidência de que aquilo que foi dito só poderia ser dito assim. Neste sentido, a atenção para os conceitos de paráfrase e polissemia permitem um exercício com a materialidade significativa (LAGAZZI, 2010) que pode deixar mais claro, justamente, os confrontos políticos e históricos que carregam o corpus. Além disso, este exercício considera a posição de onde os sentidos se produzem, na tentativa de compreender as formações discursivas dispostas pelo funcionamento discursivo em questão (ORLANDI, 1999).

Deste modo, para melhor compreender os percursos de sentido da *hashtag* estudada (#SomosTodos...) e suas implicações, proponho que uma análise de alguns de seus usos seja feita. #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMacacos, #SomosTodosProfessores, #SomosTodosMaju, #SomosTodosLéo, #SomosTodosBrasil, #SomosTodosOlímpicos, #SomosTodosSilva são as *hashtags* que analisaremos neste tópico.

Todos estes exemplos foram utilizados nas redes sociais entre 2013 e 2016. O substantivo muda a todo momento, se atualiza, mas algo permanece e se mantém. O jogo entre o “mesmo e o diferente” faz parte do funcionamento desta *hashtag* que opera, já em seu modo de significar atrelado ao digital, pela paráfrase. A cada novo #SomosTodos, a cada nova atualização, uma relação de paráfrase e polissemia é posta e, deste modo, nos faz pensar nos

novos sentidos que a *hashtag* pode possuir. Estes percursos e inscrições em sentidos diferentes só são passíveis de percepção pelo uso, pelo clique; pela movência da língua, da forma e dos sentidos na relação com a história. O novo, a atualidade, o substantivo inserido à formulação já estabilizada significa, possui uma dimensão política.

Assim, temos os seguintes exemplos da *hashtag* em seu uso:

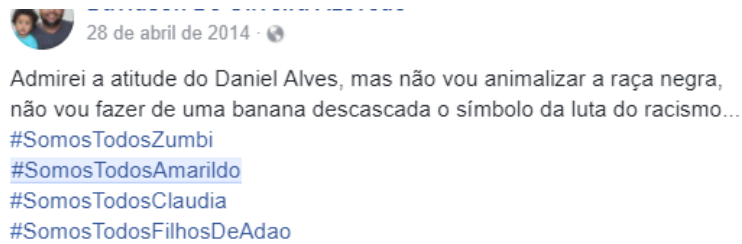


Figura 9 (#Somostodosamrildo junto de outras #SomosTodos)



Figura 10 (#SomosTodosMacacos)

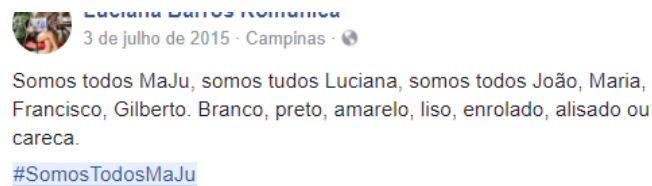


Figura 11 (#SomosTodosMaju)

Na figura 9, temos #SomosTodosAmarildo e, no mesmo post, #SomosTodosClaudia, #SomosTodosZumbi e #SomosTodosFilhosdeAdão. O post faz referência a outro #SomosTodos, o #SomosTodosMacacos, já que evoca o jogador de futebol Daniel Alves e a

banana¹⁰. É interessante notar que, neste post, #SomosTodosMacacos não aparece propriamente, mas está ali, e é colocada como uma *hashtag* não legítima para se falar do racismo. É neste ponto que encontramos o equívoco nesta homogeneização; ela não funciona para todos, há um outro que faz parte dela ou que está fora dela. O post da figura 10 sugere que, se #SomosTodosAmarildo funciona como uma campanha contra o racismo, #SomosTodosMacacos não pode dispor deste mesmo funcionamento.

Nas figuras 10 e 11 (#SomosTodosMacacos e #SomosTodosMaju) há, ao contrário, uma tentativa de apagar as diferenças, justamente pela homogeneização. No post da figura 2, há uma imagem de uma pessoa com bananas na cabeça junto com a frase “Deus criou vidas, e não raças”. Ou seja, #SomosTodosMacacos, neste uso, poderia ser substituído por ‘#SomosTodosIguais’ ou ‘#SomosTodosCriaturasDivinas’. Na figura 9, o funcionamento é parecido: é possível ser todos; Maju, Luciana, branco, amarelo, enrolado, liso, alisado, Francisco, Gilberto ou careca e resultar em #SomosTodosMaju. Parece, então, que Maju agrega todas essas características e todas essas pessoas. No entanto, passa-se do nome próprio ao adjetivo (branco, preto, amarelo, liso, enrolado, alisado ou careca). Um pelo outro. Maju, nesse sentido, pode ser qualquer coisa, o que produz o efeito da diluição do sujeito, do apagamento da individualidade histórica, da constituição histórica. É preciso considerar aí que os adjetivos utilizados remetem a sentidos já estabilizados do preconceito, podendo ser lidos como: “tanto faz se Maju tem cabelo enrolado ou se é careca, isso não deve torna-la alvo de preconceito, já que somos todos iguais, brancos, negros, os que têm cabelo liso, alisado ou enrolado ou ainda, os carecas”. Esse é o sentido que está aí sendo mobilizado.

Na figura 9, também é possível perceber este funcionamento de homogeneização quando é compartilhado #SomosTodosFilhosdeAdão. O homogêneo, portanto, se dá pelo divino, por um elemento cristão. Uma paráfrase possível para #SomosTodosFilhosdeAdão seria #SomosTodosSeresHumanos já que, no próprio post, o macaco, figura animal, é colocada fora do #SomosTodos; o animal é o outro em contraposição ao humano, que significa o *todo*. Na figura 2, o encontro e o *todo* se dá pela vida (“dádiva divina”) e na 3, novamente, porque *somos todos iguais*. Em relação a estes três exemplos, é possível pensar no seguinte exercício:

¹⁰ É importante lembrar do episódio no qual, em uma partida de futebol na Espanha, foi arremessada uma banana no jogador Daniel Alves. A atitude do jogador foi de comer a banana e, após o ato, publicar nas redes sociais: “Toma, bando de racistas. Somos todos macacos, e daí?”.

#SomosTodosFilhosdeAdão, logo: #SomosTodosHumanos, #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMaju.

#SomosTodosCriaturasDivinas, logo: #SomosTodosMacacos (e Humanos, Amarildo e Maju).

O discurso da igualdade e do apagamento da contradição parece funcionar pela lógica cristã; a figura divina opera como centralizadora do que é comum e homogêneo, não permitindo que haja lugar para o destaque, para o que seja não-um. O único lugar de diferença é o macaco, o animal. Parece não haver escape.

Neste sentido, cabe lembrar da reflexão posta por Antolini e Rebouças (2017), a respeito dos direitos humanos. De acordo com os autores, a Declaração Universal dos Direitos Humanos inaugura a concepção contemporânea de direitos humanos, marcada pela universalidade e, principalmente, pela indivisibilidade de direitos. Outra característica é a culminância do processo de reconhecimentos de igualdade entre pessoas, não havendo distinção por qualquer característica: gênero, raça, religião etc. Esse entendimento de igualdade veio como herança da segunda guerra, na medida em que houve a percepção de que a ideia de “superioridade de uma raça”, cultura ou religião, sobre as demais, coloca em risco a sobrevivência da humanidade. Os direitos humanos, portanto, estão ligados ao universal, ao comum e “ainda que não garantidos de forma generalizada na prática, são aplicáveis a todos as pessoas que vivem na Terra”. (ibidem, p. 190). #SomosTodos, então, parece estar relacionado com o que se entende por direitos humanos na medida em que também é marcado pela igualdade; se os direitos os humanos são de todos, #somostodos também agrega todos, sem distinção. No discurso dos direitos humanos e da *hashtag* em análise opera o “um”.

No entanto, sendo o equívoco a “falha da língua pela história”, tal como definido por Orlandi (2001) temos, pela própria língua, a resistência, o corte: #somostodos marca que existe um outro. A necessidade de existência desta *hashtag*, de se dizer “somos todos” já demonstra que há uma diferença, que há alguém que não é, assim como há alguém que não é “filho de adão” ou “criatura divina”. #SomosTodos existe porque, em algum momento, alguém não foi. Houve uma injustiça (nos três casos expostos, episódios de racismo).

Na figura 12, temos #SomosTodosProfessores:



Figura 12 (#SomosTodosProfessores)

Diferente das anteriores, trata-se de um coletivo. As outras *hashtags* do post fazem referência a atrasos de salário e à luta dos professores contra os episódios de violência em Manifestações do Sindicato dos Professores no Estado do Paraná. É interessante notar que, aqui, não há a tentativa de homogeneização e, pelo contrário, há um singular em #RespeiteSouProfessor. Quem enuncia é o próprio sindicato dos professores, ou seja, há um grupo que representa a classe professor, o ser professor. Não existe, por exemplo, um grupo que represente Amarildo ou Maju, a não ser o grupo formado pela própria *hashtag*.

Outro uso distinto dos anteriores é o #SomosTodosLeo (Figura 13 e figura 14), utilizado para marcar uma torcida a um candidato de Reality Show culinário:

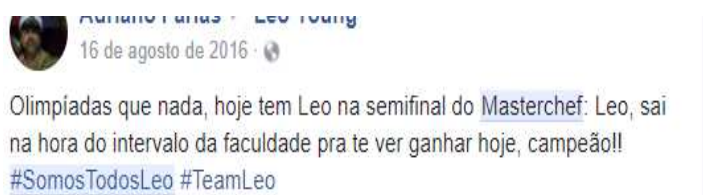


Figura 13 (#SomosTodosLeo)



Figura 14 (página “Somos Todos Léo”)

Além de funcionar como um time para que o participante seja vencedor do programa, esta *hashtag* também opera como uma espécie de fã clube, no intuito de demonstrar o carinho dos internautas pelo ex participante do Programa Masterchef. O que é possível compreender pelo retorno da formulação em 2017, pois há #SomosTodosLeo em 2016, quando o programa ainda estava no ar e a mesma *hashtag* continua também em 2017, depois que o Reality havia

sido finalizado. *#Teamleo* faz ecoar a ideia de que existem outros times, ou seja, o outro está, novamente, presente em *#SomosTodos*. Assim, *#SomosTodosLeo* produz como pré-construído que nem todos são Léo ou torcem por ele e que, mais que isso, outras torcidas e possibilidades existem, mesmo que haja a tentativa de tornar homogêneo.

Neste sentido, aponto aqui para o fato de que apesar de ser a mesma formulação - *#SomosTodos* - o sentido é distinto em *#SomosTodosLeo* e *#SomosTodosAmarildo*. Os elementos que significam os dizeres nas postagens em *#SomosTodosLeo* filiam-se a uma outra memória discursiva. Um exemplo disso é a comparação, do programa *Masterchef* com as Olimpíadas, feita pela postagem da figura 6: “Na semifinal do *Masterchef* saí na hora do intervalo da faculdade pra te ver ganhar hoje, campeão!!”.

2.2 Hashtags Olímpicas

A noção de recorte, desenvolvida no campo da AD por Orlandi (1984), remete a um fragmento de linguagem e situação discursiva sendo o recorte, portanto, definido pela autora como uma “unidade discursiva” (p. 14). Assim, ao escolher seu objeto de análise, o analista deverá recortar, de seu material mais amplo, fragmentos. Como nosso corpus de pesquisa é constituído pelas hashtags *#SomosTodos*, recortamos para a análise outras duas hashtags, *#SomosTodosBrasil* e *#SomosTodosOlímpicos*, que circularam no momento específico das Olimpíadas do Rio em 2016.



Figura 15 (*#SomosTodosBrasil*)



Figura 16 (#SomosTodosOlimpicos)

A primeira (figura 15) foi propagada pelo governo federal, com o intuito “promover o envolvimento e despertar o sentimento de pertencimento de mais de 200 milhões de brasileiros”. No site¹¹ de comunicação do governo federal, que explica o conceito da campanha, há algumas “ideias” em forma de tópico que os fundadores da campanha esperam ser transmitidas com esta hashtag, são elas:

- O sentimento de pertencimento e união.
- A nossa identidade cultural, os atributos que nos caracterizam como povo e nação.
- A nossa capacidade de realizar.
- Valores que são típicos do esporte, mas também presentes na vida dos brasileiros, como garra, superação, solidariedade, talento e respeito. (página do Governo Federal)

A segunda *hashtag* é mote da transmissão dos Jogos Olímpicos pela Rede Globo de Comunicação, que pretende buscar “o envolvimento dos brasileiros com o chamado espírito olímpico”¹². Em um dos vídeos¹³ institucionais desta campanha, além de imagens de diferentes atletas praticando seus respectivos esportes, uma voz ecoa ‘Somos Todos Preparação, Somos Todos Superação, Somos Todos Olímpicos’.

Lembramos, aqui, mais uma vez, a análise de Pêcheux (2006) sobre o enunciado equívoco “ganhamos”:

Esse acontecimento que aparece como “global” da grande máquina televisiva, este resultado de uma super-copa de futebol político ou de um jogo de repercussão mundial (F. Mitterand ganha o campeonato de

¹¹ Site da Secretaria de Comunicação do Governo Federal :

<http://www.secom.gov.br/atuacao/publicidade/somos-todos-brasil>, acesso em 20/02/2018

¹² Informação retirada da Publicação da Direção Geral de Negócios da Rede Globo, disponível em: < http://negocios8.redeglobo.com.br/BIP/Lists/BIP%20PDF%20Instance/BIP_609.pdf>, acesso em 18/08/2016.

¹³ O vídeo utilizado nesta análise está disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-FA8QVATJ50>>, acesso em 18/08/2016.

Presidenciáveis da França) é o acontecimento jornalístico e da mass-media que remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente (o veredito das cifras, a evidência das tabelas) e profundamente opaco. (p. 19-20)

Assim como “ganhamos”, #SomosTodos também é ao mesmo tempo transparente e opaco; #SomosTodosAmarildo, por exemplo, funciona em sua opacidade, não se sabe quem são esse “todos” e Amarildo representa um indivíduo e, de mesmo modo, uma classe social. A grande mídia, ao se apropriar do acontecimento desta *hashtag*, tenta colocá-la no lugar do logicamente estabilizado, o que produz um esvaziamento de alguns significados presentes em #SomosTodos (resistência, racismo, etc.). Assim, a grande mídia, com #SomosTodosOlímpicos e #SomosTodosBrasil, de-significam (ORLANDI, 1999) #SomosTodos.

Eni Orlandi (2002), ao analisar os sentidos da palavra “Liberdade” em seu famoso texto “Maio de 68: Os Silêncios da Memória”, salienta que “liberdade”, diferente dos sentidos mobilizados durante Maio de 68, - “que estavam levando a uma revolução social” (ibidem, p. 63) -, foram “desmoralizados, amolecidos, inviabilizados, de-significados” (ibidem, p. 64). #SomoTodos, ao ser utilizado midiaticamente em propagandas, passa a significar, ainda mais fortemente, que todos pode ser “qualquer um” e “qualquer coisa”; a *hashtag* perde sua forma militante ao agregar valores como o da indistinção e igualdade simbolizando, por exemplo, “o sentimento de pertencimento e união” e valores tidos como típicos na vida dos brasileiros como “garra, superação, solidariedade, talento, respeito”. Não há lugar, novamente, para a diferença; os sentidos da *hashtag* ficam presos no comum e no otimismo pela igualdade.

Assim, tanto em #SomosTodosBrasil quanto em #SomosTodosOlímpicos, o senso de igualdade não é evocado por conta de alguma situação ou episódio considerado injusto, mas sim pela alegria de sediar uma olimpíada e de torcer pelo Brasil ou de estar vivendo um momento olímpico. Novamente, significa nessas *hashtags* o sentido da torcida. É como se todos, igualmente, fizessem parte deste Brasil Olímpico e, mais uma vez, não haveria lugar para o diferente e para o equívoco.

Neste sentido, para análise destas duas *hashtags* Olímpicas, trago a noção de efeito metafórico abordada por Orlandi (1999):

Cabe ao analista observar o que chamamos de efeito metafórico: O efeito metafórico, nos diz Pecheux (1969), é o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que este deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo tanto do sentido designado por x quanto por y (idem, p. 78).

O efeito metafórico nos aponta, então, para “o discurso duplo e uno” (p. 80) e é neste lugar de deslizos do sentido pelo efeito metafórico que língua e história se ligam pelo equívoco (p. 81).

Lagazzi (2015) discute que buscar paráfrases plausíveis para um enunciado significa “considerar as derivas possíveis nas condições de produção dadas para, assim, delimitar as fronteiras da família parafrástica à qual pertence o enunciado” (p. 178) evocando, no discurso analisado, as posições sujeito e as formações discursivas em jogo. Buscar estas paráfrases possíveis, pensando nos deslizos e atentando-se às condições de produção é o ponto de partida para a análise das *hashtags* específicas.

#SomosTodosBrasil mobiliza os sentidos de ser brasileiro, faz pensar o Brasil enquanto país sede das Olimpíadas e, portanto, ser brasileiro (e somos todos), seria motivo de orgulho. Um sentido logicamente estabilizado desta *hashtag* é o de que todos torcem pelo Brasil ou de que temos uma identidade única, nos constituímos como um povo, uma nação. Há uma homogeneidade. Apesar de todo embate e divergências políticas presentes no momento atual em nosso país, temos este lugar comum (Brasil) e o meio esportivo para torcermos e sermos juntos e iguais.

Considerando as ideias explicitadas mais acima retiradas do site do Governo Federal que explicam o conceito da campanha, cabe pensar o que significa Brasil para tentar elaborar paráfrases possíveis. Valores colocados como brasileiros no material do governo são “garra, superação, solidariedade, talento e respeito”. ‘Somos Todos Talentosos’, ‘Todos os Brasileiros tem garra’, ‘Todos os Brasileiros superam obstáculos’, ‘Todos os Brasileiros são Solidários’ são paráfrases possíveis para esta *hashtag*, evocando pela memória o fato de que todo brasileiro é criativo, vai à luta, dribla dificuldades, é gentil. Produz-se o efeito de um brasileiro que se supera, que não se permite cansar e não perde a alegria e gentileza mesmo diante da desigualdade e problemas sociais que fazem parte do país.

No decorrer das Olimpíadas, Rafaela Silva ganhou a primeira medalha de ouro para o Brasil, pelo judô, gerando nas redes a *hashtag* #SomosTodosSilva. Rafaela Silva, portanto, torna-se exemplo de brasileira que supera a dificuldade tanto do esporte quanto social – já que Rafaela vem da periferia, é uma mulher negra, lésbica e de infância humilde. O

compartilhamento de #SomosTodosSilva mostra, em minha leitura, a necessidade de dizer que se é SILVA marcando uma diferença com BRASIL.

É importante ressaltar que o sobrenome Silva é o mais comum e popular no Brasil, fazendo parte do nome de cerca de 10% da população brasileira. Silva carrega em seu modo de produzir sentido um anonimato; há teorias que sustentam que Silva, por vir do latim *selva*, também pode significar uma origem imprecisa, sendo muito utilizado por quem chegava no Brasil nos séculos XVI e XVII e não possuía um sobrenome de família. Além disso, nomeava ex-escravos que, após a Lei Áurea, usavam este sobrenome para iniciar a vida enquanto libertos. O motivo seria aproveitar o anonimato que Silva possuía. *Silva*, então, até nos dias atuais, é significado como o “não-lugar” e a “não-família”. Silva, por nomear muitos, simboliza uma multidão, o povo; está relacionado socialmente às classes sociais mais baixas. O rap, denominado “Rap do Silva”, do Mc Marcinho, materializa isto, já que conta a história de um cidadão comum (“um silva”) que vive em uma comunidade humilde e que foi morto com um tiro sem nenhuma explicação:

“Era só mais um Silva

Que a estrela não brilha

Ele era funkeiro mas era pai de família

Era trabalhador, pegava um trem lotado

Tinha boa vizinhança, era considerado

E todo mundo dizia que era um cara maneiro

Outros o criticavam porque ele era funkeiro

(...)

Se reuniu com a galera, pegou o bonde lotado

Os seus olhos brilhavam, ele estava animado

Sua alegria era tanta ao ver que tinha chegado

Foi o primeiro a descer e por alguns foi saudado

Mas naquela triste esquina um sujeito apareceu

Com a cara amarrada, sua alma estava um breu

Carregava um ferro em uma de suas mãos

Apertou o gatilho sem dar qualquer explicação

E o pobre do nosso amigo que foi pro baile curtir

Hoje com sua família ele não irá dormir” (Rap do Silva, 1995, grifos meus)

Dito isto, Rafaela Silva superou as dificuldades e conquistou o ouro por este lugar comum dos brasileiros do qual “todos fazemos parte” (Brasil). Mas surge a necessidade de dizer – e diz-se – #SomosTodosSilva, como se Silva não coubesse dentro do Brasil ou, pelo menos, a presença de um #SomosTodosSilva marca uma divisão dentro de SomosTodosBrasil, mostrando aí um deslize na *hashtag* do governo que, além de negar o acontecimento de que o

Brasil não é homogêneo, falha por não abarcar o todos impresso em sua estrutura: não abraça os Silva, os pobres, os negros e funda a necessidade de outra nomeação.

A figura abaixo (17), representa a *hashtag* #SomosTodosSilva. Tanto a figura 15 quanto esta, possuem em comum a bandeira brasileira, mas mostram sentidos diferentes de Brasil e de viver as olimpíadas.



Figura 17 #SomosTodosSilva

Considerando que #SomosTodosBrasil pode rememorar, além da união, o caráter de possível capacidade de superação e drible do povo brasileiro temos, de um lado (Figura 15), o desejo de unidade e harmonia representado por pessoas sorridentes, evocando um já-dito jeito de ser brasileiro que é feliz e alegre mesmo com dificuldades. De outro (Figura 17), Rafaela Silva, emocionada por sua vitória. Imagens e enunciados que representam o mesmo lugar (Brasil), o mesmo evento, a mesma estrutura de *hashtag* mas que me trazem uma divisão de sentidos significada e materializada pelo modo de sentir a superação: Rafaela se emociona e chora por ter superado sua dificuldade; brasileiros na figura 15 são contentes e unidos “diante das/mesmo com as possíveis dificuldades”. O rosto de Rafaela faz ressoar o sofrer de muitos Silvas que superam obstáculos, mas não necessariamente (e sempre) com alegria e felicidade ou de maneira homogênea como em #SomosTodosBrasil. Estas duas imagens e *hashtags* circulam e produzem sentido nas redes e mesmo vindas de lugares diferentes (a primeira como propaganda do Governo e a segunda produzida por cidadãos comuns), pelo jogo entre elas e nestes usos específicos, nota-se a contradição entre ser brasileiro e ser Silva – mesmo Silva, como já posto, sendo o sobrenome mais comum no Brasil - e o equívoco que é “sermos todos Brasil” e “sermos todos Silva” dentro desta condição Olímpica. Todos os brasileiros não são iguais e únicos como se tem estabilizado e, na estrutura, marca-se o negro, a mulher, o pobre, o Silva.

Em relação a #SomosTodosOlímpicos, evoca-se também uma memória da superação. No vídeo Institucional desta campanha, diz-se ‘Somos Todos Preparação, Somos Todos Superação’. Paráfrases possíveis, portanto, desta campanha, são: ‘Temos Todos uma Força Olímpica’, ‘Superamos Desafios quase Impossíveis’. E assim como em #SomosTodosBrasil, a memória de um brasileiro que dribla as dificuldades ressoa nesta formulação.

Além disso, considerando as condições de produção deste enunciado, que surge como campanha de uma grande rede de TV, o acesso às olimpíadas é um ponto forte aqui. Não importa se ao vivo ou pelo aparelho de televisão, o telespectador da rede globo ‘será olímpico, fará parte das olimpíadas’. ‘Todos Participarão do Momento Olímpico’ pode ser outra paráfrase possível. Neste sentido, cabe pensar que, no Rio de Janeiro, cidade sede das Olimpíadas, há uma grande e já estabilizada divisão social: nem todos tem acesso a tudo da cidade, principalmente à “Cidade Olímpica”, que não abarca todo o Rio de Janeiro.

Deste modo, percebe-se que este enunciado cai na tentação, posta por Pêcheux (1990, p. 27), de negar o próprio acontecimento que, no caso, é o acontecimento de que a cidade sede das olimpíadas não pertence a todos.

A seguinte imagem, do fotógrafo Tércio Teixeira, circulou bastante nas redes sociais no dia da Cerimônia de Abertura das Olimpíadas e nos faz pensar sobre o acesso aos Jogos e sobre o sentido da #SomosTodos:



Figura 18 – Fotografia de Tércio Teixeira: Abertura das Olimpíadas

Vê-se crianças e adolescentes, num lugar periférico do Rio de Janeiro, observando a abertura das Olimpíadas de longe. A distância entre as duas cidades, a olímpica e a não-olímpica, a distância entre ricos e pobres e quem tem acesso e quem não tem acesso fica evidenciada. Embora a fotografia transmita uma relação completamente dicotômica, na qual fica claro um lugar pré-determinado para pobres e ricos, é a *hashtag* (#SomosTodosOlímpicos) que vemos cair em outra tentativa formulada por Pêcheux (idem, p. 27): a de negar o equívoco do acontecimento, “fazendo coincidir com o plano logicamente estabilizado” e propagado, durante toda a campanha dos Jogos, de que as Olimpíadas e a Cidade Olímpica do Rio de Janeiro pertencem a todos, seja pelas ruas e estádios do Rio ou pela tela da TV. Negou-se o equívoco que é a cidade **olímpica** ser pequena ou restrita demais para todos.

Deste modo, há na campanha da Rede Globo e do Governo Federal uma tentativa de corroborar com sentidos já estabilizados. #SomosTodosBrasil e #SomosTodosOlimpicos tentam homogeneizar lugares – o país e a cidade – e pessoas – brasileiros e telespectadores – fazendo ressoar o discurso da igualdade, da não-diferença. Um desejo de que, pelo menos neste momento de celebração olímpica e dos povos, possamos ser e estar todos juntos sendo os mesmos.

Pousamos, assim, em um Brasil de Todos que não abraça os Silvas ou de Silvas que não se encaixam no Brasil de Todos (Olímpico). Esta análise confirma, então, o fato de que a *hashtag* faz parte da língua, há relações equívocas e contraditórias no seu modo de funcionar. Não importa o seu uso, se possui o sentido de denúncia, torcida ou propaganda, algo sempre vai escapar nessa tentativa de abraço no tudo e todo.

2.3 Caráter Universal da *Hashtag* #SomosTodos

Se pensarmos na estrutura de #SomosTodos, temos a presença de um pronome indefinido (todos), do pronome de primeira pessoa do plural (nós) – presente por elipse - e do verbo *ser* conjugado no plural, na tentativa de abraçar e representar o maior número de pessoas possível – ou todas. Há, pelo próprio funcionamento das *hashtags* e por conta das condições de produção em que circulam, a tentativa de tornar homogênea e universal a campanha, a sensibilização, a torcida por meio do símbolo (#).

Diante disto, para refletir acerca da universalidade da *hashtag* #SomosTodos, trago Michel Pêcheux que, em *Semântica e Discurso*(1975 [2014, p. 117]), ao tratar do *mito continuísta empírico-subjetivista* o coloca como o que pretende que

a partir do sujeito concreto individual “em situação” (ligado a seus preceitos e a suas noções), se efetue um apagamento progressivo da situação por uma via que leva diretamente ao sujeito universal, situado em toda parte e lugar nenhum, e que pensa por meio de conceitos

Deste modo, #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMaju, #SomosTodosBrasil, etc., por serem providos de um caráter e estrutura generalizante, apagam as contradições e distinções de classe existentes entre os sujeitos, convocando-os a um lugar comum, a um sentir e ser único. Promove-se uma imagem utópica de igualdade e consenso. Sob o regime da universalidade, a igualdade e a homogeneidade afirmam-se em detrimento das contradições existentes no seio social e da própria discussão e diferença racial (no caso de Maju) e de classe (operária, policial e do Estado, no caso de Amarildo).

Ou, por outro lado, se nos atentarmos, novamente, para a *hashtag* relacionada à propaganda das olimpíadas, #SomosTodosBrasil, é possível dizer que ela parece tentar homogeneizar o povo brasileiro formando uma só nação, um só Brasil do qual *todos* fazem parte. Cabe lembrar que, no ano no qual ocorriam os jogos olímpicos, o Brasil passava por uma grande divisão político-ideológica (que vinha acontecendo desde as Manifestações de Junho, em 2013). Em agosto de 2016, houve o golpe - marcado por polêmica e disputas - que tirou a presidenta Dilma Rousseff de seu cargo e atravessávamos uma intensa crise política e econômica que desencadeou um período marcado por diversas manifestações públicas nas ruas das principais cidades do país, além de múltiplos debates e confrontos de ideias nas redes sociais e em jornais online. É interessante pensar, então, que em um momento de grande efervescência de conflitos e embates políticos, o Governo Federal lança, justamente, uma campanha baseada na uniformidade, que convida para uma torcida una, para um estar e ser (Brasil) junto.

Nesta mesma linha, #SomosTodosOlímpicos (figuras 19 e 20) – como já exposto, campanha da Rede Globo de Televisão –, também convida para a torcida, para o estar junto, fazendo ecoar o sentido de unidade. #SomosTodosOlímpicos nega a diferença social e a existência de duas cidades diferentes (a Olímpica e a de “todo dia”), onde uma delas é pequena e restrita demais para *todos*.



Figura 19 (post da Campanha #SomosTodosOlímpicos)



Figura 20 (post da campanha #SomosTodosOlímpicos)

Por estes exemplos, é muito perceptível que há a tentativa de tornar comum um sentimento, uma torcida, uma dor, um preconceito, um sofrimento. Assim, pelo apagamento da singularidade, promove-se quase um ‘Somos Todos Iguais’. Por esta via, lembro da discussão trazida por Haroche (1984) a respeito do sujeito de direito que se submete às leis do Estado justamente pela homogeneização. “Para que o sujeito-de-direito possa responder por si, por seus atos, por seu comportamento, é preciso, previamente, tornar o homem uniforme, regular, determinado, predizível, mensurável...” (Haroche, 1987, p. 30). Esta uniformização, também vista na forma como opera #SomosTodos(tanto pela sua estrutura quanto pelas suas condições de produção), pode ser um efeito dos métodos de controle que visam tornar o homem “semelhante entre semelhantes, regular e, conseqüentemente, apreciável”¹⁴. Tanto o post retratado na figura 9 que traz, juntas, as hashtags #SomosTodosZumbi, #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosClaudia e #SomosTodosFilhosdeAdão quanto o da figura 10 com #SomosTodosMacacos e o dizer “Deus criou vidas e não raças...” demonstram, justamente, esta uniformização da qual trata Haroche; os dois posts apoiam-se em um efeito imaginário do “Somos Todos Iguais” através do discurso do sujeito de direito.

¹⁴Haroche (1984) citando Nietzsche (1983)

#SomosTodosFilhosAdão e a palavra *vida* em “deus criou vida e não raças” tentam apagar singularidades, tornar regular.

Assim, de acordo com a autora (p. 210), como resultado desta uniformização, deixa-se de pensar na relação que existe entre “alguém” e “quem quer que seja” ou na diferença entre “alguém específico” e “não importa quem”, o que contribui para afogar o sujeito no comum, na massa – e, deste modo, negá-lo pura e simplesmente.

Este jogo entre “alguém e quem quer que seja” pode ilustrar, em meu entendimento, o funcionamento das *hashtags* em análise: é construída uma relação entre Amarildo, Maju, Professores, Macacos, Brasil, etc (=alguém/situação específica) e a estrutura #SomosTodos (=não importa quem ou o quê). Esta intercambialidade pouco trabalhada, que opera como evidente sob o efeito da homogeneização, apaga e nega a subjetividade, a existência de um conflito. Silencia-se o que incomoda, o que pode ser um “perigo político, crítico para o Estado, então contestado” (HAROCHE, 1984, p. 211), fazendo prevalecer a não-voz de uma “dessubjetivização” que pode ser, segundo a autora, a via aberta para a destruição lenta e progressiva da noção de sociedade.

Seguindo esta perspectiva, é interessante pensar na noção de saturação/não-saturação também trazida por Haroche, que toma as teorias de psicanálise como entrada para (re)pensá-las no discursivo. A autora traz Safouan que aborda a questão da falta, que só pode existir pela não saturação, pelo não completo, pela possibilidade de desejo. A partir do momento em que o desejo é satisfeito, a falta deixa de existir, gerando a angústia da “falta da falta”.

Segundo Haroche, esta falta da falta, no discurso, seria a exclusão da elipse. A imposição da literalidade e dos explícitos descarta a possibilidade de acesso ao prazer da substituição. Haveria a falta, portanto, por *falta da falta* de indeterminação: “o discurso saturado, completo, seria angustiante, porque ele impediria o desejo de se dizer” (HAROCHE, 1984, p. 198). Assim, distinguem-se duas formas de falta: a primeira,

[...]que permite o sujeito tomar distância, pensar, criticar, resistir, é uma falta não “despersonalizante”, não alienante, ao contrário, é uma não saturação que só pode levar o sujeito a desmitificar, a desmistificar. Uma outra forma de falta é talvez a do vazio, do nada (...), falta desestruturante, desindividualizante, despersonalizante. (ibidem, p. 199).

A estrutura gramatical da *hashtag* (#SomosTodosX), como já exposto acima, possui um verbo conjugado na primeira pessoa do plural junto de um pronome indefinido. Pelo muito,

pelo *nós* e pelo *todos* não se conhece quem enuncia; este desconhecimento, aliado à sua inscrição na memória metálica que produz sentido pela quantidade, pelo compartilhamento, faz com que o *todo* e o *nós* opere como o “qualquer um”. Assim, há o indeterminado em nossa formulação, a presença da não-saturação, existe a falta.

No entanto, ao mesmo tempo, talvez seja possível dizer que #SomosTodos também funcione pelo efeito de completude e literalidade, ou de esgotamento, pelo qual tudo já está dito e todos estão incluídos. *Todos* são abraçados por esta formulação, todos são convidados e podem clicar, (re)compartilhar e pertencer a qualquer causa que seja. #SomosTodos, então, possui uma forma de operar dupla, carrega uma natureza esgotada e ao mesmo tempo vazia, como um copo cheio de vento.

Deste modo, é possível pensar, por conta de seu caráter indeterminado, que a falta desindividualizante pode estar presente no modo de funcionamento da *hashtag*, que faz ecoar um “qualquer um e ninguém”. Aí está a desingularização, ligada à negação da subjetividade. E, por outro lado, por ser saturada e completa (ou produzir este efeito), #SomosTodos carrega em seu funcionamento a *falta da falta*, produzindo uma angústia pela suposta completude. Há, então, nesta *hashtag*, uma falta vazia e desingularizante e, de mesmo modo, uma não-falta que também desingulariza e impede “toda a possibilidade de desejo” (ibidem, p. 199) e, inclusive, que o sujeito diga “eu”. Impede, novamente, a subjetividade.

Através destas reflexões e considerando que #SomosTodos está inserido no digital e compõe um arquivo atravessado pelo eletrônico, mais que a falta, é possível pensar no excesso. No funcionamento desta hashtag pelo excesso. Garcia, Abrahão e Faria (2017) atestam que a rede eletrônica “aprende” com os modos de inscrição de arquivos postados pelos sujeitos (ou retirados), assim:

ganha extensão o todo do Arquivo (ROMÃO, 2011b; 2012), nunca acessável, a partir da emergência de cada arquivinho ordenado em teia, em trama, em urdidura de fios de dizer. E o efeito de alcance disso é imprevisível. Só a título de passagem, vale anotar como um determinado arquivo postado em um endereço da rede enreda-se em outro *link* aparentemente tão perto-distante, de modo inexplicável. Castells (1999, p. 566) anota que cada nó dessa rede é “ponto no qual uma curva se entrecorta”; no que nós acrescentaríamos que cada nó é o imbricamento de um arquivo que atravessa outros arquivos sem que se possa precisar o previsível das conexões, ou melhor, colocando em movimento algo de impossível cálculo.(idem, s/p)

Deste modo, os arquivos e os dizeres não se sustentam sozinhos na rede. Há uma constante autoalimentação para que eles continuem em funcionamento, fazendo sentido e,

portanto, conectados. Para que a conexão permaneça, é necessário que dizeres, *hashtags*, imagens, etc. estejam presentes, se relacionem umas com as outras, se atravessem e possibilitem o “estar online”. Esta constante alimentação “se constrói a partir de narrativas entremeadas no/pelo trânsito e que é sempre tecida pelo mar de conexões no gerúndio de dizer” (ABRAHÃO; GARCIA; FARIS, s/p). Ou seja, há sempre um movimento. O arquivo, digitalmente concebido, é móvel e não somente porque cresce e é alimentado de forma rápida mas pelo fato de estar, a todo momento, passível de conexão com o(s) outro(s). Cada conexão funda novas maneiras de ler, logo novos sentidos.

Michel Pêcheux, na abertura do Colóquio Materialidades Discursivas (2016), ao comentar sobre o trabalho de Jacques Guillaumou e Denise Maldidier, a respeito do caso Fiszbin¹⁵, coloca que a análise de documentos, relatórios, cartas, atas, etc. que materializam o caso já havia suscitado uma reação da direção política do aparelho envolvido. No entanto, o olhar de um historiador e uma linguista sobre isto pode funcionar como um “acontecimento discursivo, perturbando o quadro, inquietando as posições estabelecidas e deslocando as linhas de clivagem. Enfim, um encontro com *o outro*, no interior de um dispositivo em que a reprodução do mesmo parece, por ora, estender-se aos limites da repetição” (PÊCHEUX, 2016, p, 27). Me chama atenção nesta formulação o “encontro com o outro” para pensar no Acontecimento Discursivo que, nesta passagem, vai um pouco além da já conhecida definição de Acontecimento Discursivo – como ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória (PÊCHEUX, 1990). Entendo que este encontro com o outro, aqui, é possibilitado pela conexão. Os arquivos, no digital, não se relacionam apenas porque um link ou uma página leva a outra, mas também de maneira política. As relações feitas não são ao acaso. A conexão, portanto, entre arquivos e entre sujeito e arquivo(s) da rede instaura um sentido, funda um acontecimento. A *hashtag*, que possui em sua própria estrutura um hiperlink, possibilita por si só, pelo seu modo mesmo de existência, um encontro com o outro. A possibilidade do clique e, com ela, a conexão com muitos outros sentidos, dizeres e Formações Discursivas a respeito de uma *tag* é produção de sentido, é a língua produzindo efeitos pelo/no digital.

Na hashtag há um excesso de conexões e, talvez por isso, ela seja tão disseminada e utilizada. A palavra, enunciado, palavra de ordem, etc. que vem ao lado de uma tag - de um símbolo do digital e da conectividade – ocupa outro status, passa a fornecer um agrupamento de mensagens e posts que podem ser acessados, por um clique, de qualquer lugar do mundo.

¹⁵ H. Fiszbin foi um secretário do partido comunista

Deixa de ser uma simples palavra ou frase, significando uma filiação a determinada cadeia ou ideia, ou seja, traz em si mesma a conexão com algum outro, de forma infinita e em excesso.

Deste modo, e aí o ponto no qual desejo chegar, a falta da falta, que impediria a subjetividade, pode ser colocada como o excesso do excesso¹⁶. O excesso de armazenamento de arquivos, de possibilidades de alimentação deslimitada deste arquivo, de conexão entre arquivos; a própria ordenação do arquivo (já que é possível, no caso da hashtag, quantificá-las e qualifica-las em treddings) cria um efeito de completude, como se a tecnologia fosse o lugar do inatingível. É como se tudo que tivesse imerso em uma *hashtag* não fosse perdido e nem esquecido e pudesse ser resgatado com um simples clique ou busca. Esta saturação, este excesso, produz um conforto, o *efeito de evidência* do qual trata Orlandi (2016) que “estanca o movimento” (ibidem, p. 14). Além do movimento, da possibilidade de deslocar-se, a subjetividade é estancada pelo excesso.

A *falta da falta* produz, como colocado acima, a “angústia pela suposta completude”. O excesso do excesso produziria o conforto por esta suposta completude. Mais que a falta da falta, portanto, há a o excesso do excesso no funcionamento de #SomosTodos. Utilizo o advérbio “mais” pois falta e excesso não necessariamente são categorias avessas; o excesso pode produzir/encontrar a falta e vice-versa. Deste modo, cabe afirmar que, conforme abordam Abrahão, Garcia e Faria (2017), o “sujeito-navegador” tampouco é ou será

atormentado pela falta, o que escamoteia o furo dado, no limite, pela queda de energia ou pelo corte no sinal de internet feito pela empresa de gestão do sinal no país. Talvez essa seja uma das ilusões de completude mais efetivas no imaginário contemporâneo: a tecnologia é infalível e não deixa os viventes em falta, pois sustenta a possibilidade de falar no des-limite, no sem-fronteira e no tempo de uma palavra que não precisaria de pausa e, sobretudo, palavra que estaria blindada de qualquer perda. Tal efeito traz a tona a contradição entre a perda, a fal(t/h)a e a eficácia: tamanha potência e eficácia das técnicas veem a tamponar o que muito fal(t/h)a, que é da ordem dos sujeitos e/do discurso, ou seja, muita eficácia traz no seu avesso muitas fal(t/h)as (ibidem, s/p).

Ainda sobre a indeterminação, Haroche explicita que, se tomarmos os enunciados científicos, é pela indeterminação que o sentido adquire a generalidade de uma lei.¹⁷ E é por esta indeterminação, pensando agora no sujeito e no direito, que o sujeito adquire o caráter geral esperado por um aparelho de Estado – isto é, o caráter indeterminado, “à vontade” do sujeito. Pela vontade de neutralidade (e generalidade) posta no formalismo lógico-matemático e

¹⁶ Este termo, “excesso do excesso”, foi formulado com a ajuda da professora Lucília Abrahão em uma reunião do LAS/UFF.

¹⁷ A autora, ao reformular este pensamento, dialoga com as ideias formuladas por Pêcheux a partir da análise de um artigo de Frege, intitulado *Fonction et concept*.

jurídico, há um afastamento cada vez maior dos “problemas reais, cruciais em sua urgência” (ibidem, p. 210). Assim, a violência, o fascismo, podem progredir com toda impunidade diante da passividade, da indiferença e da dessubjetivização. Ou seja, há um reflexo do funcionamento do jurídico nas formulações da *hashtags* em análise pela indeterminação e generalidade que podem, mesmo quando possuem um caráter de denúncia, produzir um efeito de “afastamento dos problemas reais” pela dessubjetivização.

Além disso, Pêcheux ainda aponta que este processo de universalização ganha força em “processos de identificação que mascararam radicalmente qualquer descontinuidade epistemológica” (1975, p. 118). Ou seja, as descontinuidades que rompem a própria *hashtag*, dividindo-a e colocando em evidência a contradição estrutural existente são silenciadas. E esta generalização e abstração segue um movimento oposto ao materialismo já que desconsidera a história.

Neste sentido, sou levada a pensar na maneira como funciona a burguesia. Novamente Pêcheux (1982 [1990]), em *Delimitações, Inversões e Deslocamentos*, aponta que a particularidade da Revolução Burguesa, referindo-se à Revolução Francesa de 1789, foi a de “tender a absorver as diferenças rompendo as barreiras: ela universalizou as relações jurídicas no momento em que se universalizava a circulação do dinheiro, das mercadorias... e dos trabalhadores livres” (p. 10). Assim, para tornarem-se cidadãos, “os sujeitos deveriam se libertar de seus particularismos históricos” (ibidem, p. 11). O ideal de igualdade e homogeneidade já está posto desde aí e perpassa o sujeito através do discurso do Direito que representa, segundo Pêcheux, “a maneira política de negar a política” (p. 11) e introduz, por meio de seu universalismo, uma “barreira política invisível” (p. 10).

Outra questão importante a respeito da *hashtag* #SomosTodos é que, atrelada ao seu funcionamento pela universalidade, se relaciona com a noção de língua de vento (PÊCHEUX, 1981, apud DEBRAY, 1978). A língua de vento seria, como diz Pêcheux parafraseando Debray, o discurso aparentemente sem propósito do “qualquer coisa”, mas não se alimenta justamente de “qualquer coisa”. Ou seja, por mais diluída, universalizante, homogênea e recompartilhada que seja, a *hashtag* produz sentido, silenciamentos e mobiliza a memória; é dotada de alguma força já que “uma língua de vento pode ser leve, mas pode alastrar o fogo em muitas direções” (ADORNO, 2015, p. 122). Esta força pode estar relacionada, justamente, com o que Pêcheux chama de “falsa moeda de língua de vento; turbilhão esfumaçado do “não importa o quê”, destinados a chamar a atenção, desviando-a dos problemas reais” (PÊCHEUX, (1981 [2016],

p. 28). Ou seja, a língua de vento é a língua das mídias (GREGOLIN, 2008) e, através dela, o discurso da ideologia dominante pode ser propagado mas, ainda assim, há possibilidade para rompimento, furo e resistência.

Assim, a língua de vento, na medida em que é leve e pode ser tida como um “qualquer coisa” também afeta, produz efeitos; o fogo alastrado pode estar neste desvio ou apagamento dos problemas reais pelo excesso de fumaça. Em meio aos discursos universalizantes e homogeneizantes propagados pela *hashtag* em análise, talvez falte lugar para a diferença, para o particular, para as partes que compõem (ou não) o todo.

3. “O HAITI É AQUI, O HAITI NÃO É AQUI”

Depois da compreensão de que #SomosTodos possui um funcionamento opaco e que derivou de um sentido de resistência e militância para propaganda, sendo apropriado pela mídia hegemônica, este capítulo refletirá sobre como este enunciado foi ressignificado através da hashtag #NinguémÉHaiti, que questiona a universalidade de #SomosTodos.

Com isso, os dois primeiros itens versarão sobre as relações de memória (Pêcheux, 1999) e derivas que culminaram em #NinguémÉHaiti e sobre as implicações que este “novo” enunciado provoca em #SomosTodos; para isso, as noções de identificação e contra-identificação (Pêcheux, 1975) também são levantadas. Depois, há uma análise da hashtag #foratemer, que ajuda a entender o funcionamento discursivo da hashtag e, principalmente, que #foratemer também possui opacidade no seu modo de funcionar, já que pode ser encontrada em diversas formações discursivas distintas. Por fim, em “Sobre a Materialidade do Digital”, há uma reflexão sobre a materialidade do digital, principalmente no que diz respeito à circulação e ao excesso.

3.1 Memória, Derivas e as Relações com #NinguémÉHaiti

Tomando o acontecimento, tal como definido por Pêcheux (1990, p. 17), como o “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” e considerando que esta atualidade refere-se ao intradiscurso (às formulações dos sujeitos) e a memória ao interdiscurso (aos já-ditos) instaura-se, como formula Indursky (2003) – fazendo referência a Courtine (1981), o efeito de memória: “os sentidos são rememorados, atualizados, re-significados” (idem, p. 103). Este efeito de memória, segundo a autora, é completamente lacunar e “possibilita que os sentidos deslizem, derivem, se transformem, se re-signifiquem”(p.104).

Já a memória discursiva é definida por Pêcheux (1999) como:

aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição legível em relação ao próprio legível. (p. 52)

Estes implícitos estariam, em um discurso, “ausentes pela sua presença”, não havendo como encontrá-los em lugar nenhum sob uma forma estável e sedimentada; o que há é, justamente, o efeito de série do qual falamos anteriormente – formado pela repetição e

regularização. De acordo com Courtine (1981, p. 53), a “noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas, reguladas pelo aparelho ideológico”. Assim, o enunciado #SomosTodos, no seio de práticas discursivas na web foi derivando de um significado de resistência, presente em manifestações e posts militantes até chegar a produzir um efeito mais relacionado ao marketing e à torcida. Por ser muito repetido e (re) compartilhado na sociedade digital - e isto se dá pela sua própria estrutura, que carrega uma *hashtag* -, #SomosTodos regulariza seus sentidos mas, ao mesmo tempo, migra para outros; a repetição fixa mas permite o escape; sua existência histórica segue um percurso que suscita a atenção para problemas sociais, questões de racismo, ausência e violência do Estado, passando por “senso de igualdade entre pessoas”, “união”, propaganda sendo, deste modo, apropriado pelo próprio Estado e pela mídia. Todos estes modos de significar fazem parte da memória discursiva deste enunciado e afetam o seu modo de produzir sentidos.

Ao lado da retomada e da repetição, ocorrem os deslizamentos de sentido, os quais são responsáveis pela reorganização da memória. De acordo com Indursky (2003, p. 107), esses movimentos, ao mesmo tempo em que conduzem um retorno da memória, estabelecem uma ruptura com a rede de formulações a qual o enunciado está relacionado. O sentido, portanto, deriva e torna-se outro. Isto, segundo a autora, estaria na base do acontecimento discursivo que vem “perturbar a memória” (Pecheux, 1999). Um acontecimento discursivo

rompe com a inscrição na ordem da repetibilidade, mas não tem como apagar a memória, a ressonância do sentido-outro. Dito de outra forma: um acontecimento discursivo rompe com a ordem do repetível, instaurando um novo sentido, mas não consegue produzir o “esquecimento” do sentido-outro, que o precede. Quando ocorre uma ruptura com a repetibilidade, uma nova ordem de repetibilidade se instaura, a qual é responsável pela reorganização da memória, pela organização de uma nova estrutura vertical, a qual necessariamente mantém relações com a estrutura precedente, com a qual rompeu. (INDURSKY, 2003, p. 107 – 108)

Desde modo, é possível dizer que após #SomosTodosAmarildo, outros acontecimentos surgiram que causaram este rompimento da ordem do repetível. Os episódios de racismo sofridos pela jornalista da Rede Globo Maju Coutinho e pelo jogador de futebol Daniel Alves, de alguma forma, rompem com os sentidos de violência e descaso do estado trazidos por #SomosTodosAmarildo, mas retomam a questão racial. Em #SomosTodosProfessores, outro acontecimento discursivo, o racismo já não retorna, mas a questão da violência (vinda pelo Estado) sim.

Nas propagandas Olímpicas e torcidas para candidatos de Reality Shows, o rompimento é forte – pois o acontecimento é completamente outro - mas faz retornar o sentido de unidade e a homogeneidade presente na demais formações. Todos estes movimentos de deriva, de rompimentos e retornos em torno de uma mesma estrutura que se repete tornou ainda mais forte a #NinguémÉHaiti, que repercutiu nas redes em outubro de 2016.

Resultante de uma charge (figura 21) produzida pelo cartunista Miguel Villalba Sánchez que servia como apoio ao Haiti após ser atingido pelo furacão Matthew. O Jornal O Globo publicou a seguinte fala do autor da charge “Quase 800 mortos no Haiti, mas ninguém coloca fotos de perfil especiais no Facebook nem slogans para as vítimas do furacão Matthew”. #NinguémÉHaiti “perturba a memória” e faz ressoar #SomosTodos(...) por conta da memória discursiva e pela sua própria estrutura (presença de um pronome indefinido e do verbo *ser*).

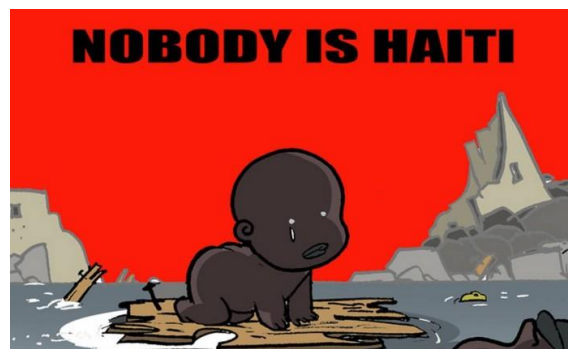


Figura 21 (Charge de Miguel Villalba Sánchez que deu bases para #NinguémÉHaiti).

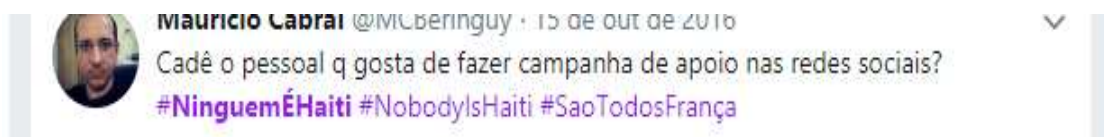


Figura 22 (Post no Twitter com a hashtag #NinguémÉHaiti)



Figura 23 (Post no Facebook com a hashtag #NinguémÉHaiti no qual há o recompartilhamento de uma notícia)

Considerando os jogos de força na memória, propostos por Pêcheux (1999, p. 53), que funcionam sob o choque do acontecimento, há:

- um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo;
- mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”

#NinguémÉHaiti se encaixa neste segundo jogo, já que é um acontecimento que desequilibra a memória e a rede de implícitos vista em #SomosTodos, instaurando uma desregularização no discurso de igualdade e homogeneidade. #NinguémÉHaiti traz uma quebra, uma ruptura, revelando o equívoco de “ser todos”

Como este trabalho com a memória pressupõe o deslizamento de sentidos, é pertinente trazer Orlandi (2012), que aborda a necessidade de dar luz à historicidade uma vez que o foco da análise não se sustenta apenas nos fatos “objetivos”, na cronologia ou no que está fora, mas sim no “fora dentro” (ibidem, p. 13). Nesta perspectiva, a autora aponta para a noção de “efeito metafórico” (PECHÊUX, 1990) que seria, justamente, o que permite o deslizar de sentidos, a deriva. Por meio desta deriva, desta ruptura na repetição, provoca-se um efeito sobre o sentido que se está produzindo e sobre aquele do qual ele desliza.

Esta movimentação na rede de constituição de sentidos, fortemente ligada à historicidade, também se relaciona com as condições de produção, com a memória discursiva e com a ideologia sendo, portanto, denominada pela autora como “sentidos em fuga”. Fuga, aqui, não deve ser entendida como o que foge, mas sim como aquilo que “corre, desliza, vai, ressoa, ecoa, arrebanha sentidos em movimento, em outro lugar” (ORLANDI, 2012, p. 19). Sentidos em fuga, portanto, são mais do que deriva, pressupõem uma relação forte com a polissemia, ou seja, com a “pluralidade de movimentos de sentido num mesmo objeto simbólico” (ibidem, p. 25) e, assim, se constituem, nas palavras da autora, como uma “explosão, uma desorganização produzida pelo movimento”.

Através da forma (#SomosTodos) da *hashtag* aqui analisada, é possível observar alguns movimentos de deriva. Pensaremos, primeiramente, em três *hashtags*: #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMacacos e #SomosTodosMaju. #SomosTodosAmarildo, como já exposto, é uma *hashtag* que carrega um forte sentido de justiça pela vida (e família) de Amarildo, morador da periferia do Rio de Janeiro. Já no ano seguinte (2014), circulou fortemente nas redes sociais a *hashtag* #SomosTodosMacacos - que ganhou evidência depois que, em uma partida de futebol na Espanha, uma banana foi arremessada no jogador Daniel Alves. Mais tarde, #SomosTodosMaju entrou nos tópicos mais comentados do *twitter* em consequência de comentários racistas que a jornalista da Rede Globo Maju Coutinho sofreu nas redes sociais.

Estas três *hashtags* se encontram por fazerem ecoar na memória questões acerca do racismo. No entanto, mesmo neste encontro, há a contradição, o conflito, pois o que cada uma delas suscita a respeito da questão racial é diferente. #SomosTodosAmarildo denuncia a ausência do Estado, traz a questão da (in)justiça de uma maneira muito evidente, além de dar voz a muitos outros Amarildos, homens negros, de periferia, desaparecidos nas favelas do Rio de Janeiro durante execuções arbitrárias da polícia militar. #SomosTodosMacacos e #SomosTodosMaju tratam o racismo sob um olhar diferente, olhar que não foca na relação entre preconceito racial e periferia, violência policial e justiça social. E é aí que se encontra o movimento de deriva. Há, nestas duas últimas *hashtags*, uma denúncia ao racismo sofrido por pessoas famosas e bem sucedidas amparadas, neste caso, pelo Estado e pelo público.

Já em 2016, como exposto anteriormente, #SomosTodosOlímpicos foi mote da transmissão dos Jogos Olímpicos pela Rede Globo de Comunicação, que pretendia buscar “o envolvimento dos brasileiros com o chamado espírito olímpico”¹⁸. A *hashtag*, neste caso, se

¹⁸ Informação retirada da Publicação da Direção Geral de Negócios da Rede Globo, disponível em: <

inscreve em uma formação discursiva completamente diferente das anteriores. Além de não tratar da questão racial, também não é (re)compartilhada para dar apoio a alguém diante de alguma situação injusta. O sentido de unidade, o *ser todos*, está na alegria de superar os obstáculos – assim como os atletas – e viver um momento olímpico (transmitido pela TV). O sentido de denúncia deriva para festa, alegria, marketing.

Depois de todos estes usos, quando nos deparamos com #NinguémÉHaiti temos justamente esta “explosão que desestabiliza e produz movimento desordenado” (ORLANDI, 2012, p. 25). A formação foi derivando até encontrar o inverso de sua estrutura, de *somos todos* para *ninguém é*. Se observarmos os posts das figuras 22 e 23, percebemos que ambos procuram questionar a ausência de comoção em relação ao terremoto no Haiti, como se o Haiti não coubesse no “todos”. Por meio deste *ninguém*, escorre o silenciamento pelo qual o Haiti sofre – da mídia e do próprio Estado.

Além disso, é possível estabelecer uma relação entre #NinguémÉHaiti e #SomosTodosAmarildo. Assim como o Haiti, Amarildo também se constitui como negro, pobre, morador de uma comunidade carente do Rio de Janeiro e mais uma vítima da polícia dentre tantas outras que permanecem abandonadas e esquecidas. Amarildo e Haiti se encontram, portanto, através do descaso e da invisibilidade que sofrem e da qual são apenas “mais um”. #NinguémÉHaiti’ ressignifica #SomosTodosAmarildo, o coloca em outro lugar, questiona a universalização posta neste “ser todos”. E é por esta perspectiva que se percebe os sentidos em fuga levantados por #NinguémÉHaiti – mais que produzir uma deriva, esta *hashtag* gerou uma desordem no sentido de igualdade e homogeneidade já estabelecido por #SomosTodos. #NinguémÉ vem lembrar a indefinição ou ausência (invertida) que também existe em #SomosTodos, significando pelo seu avesso. E é justamente por isso que propusemos pensar nas semelhanças entre Amarildo e Haiti, uma vez que a estrutura derivou para tantos lugares (torcidas para candidatos de Reality Shows, apoio a figuras políticas, campanhas publicitárias) e encontrou um ponto comum no seu avesso. *O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui*: esta frase, refrão da música de Caetano Veloso, demonstra a tensão entre o mesmo e o diferente,

possibilitada pelos deslizes de sentido que pensamos aqui, no encontro pela fuga entre Amarildo e Haiti.

3.1.1 Agora Somos Todxs Negrxs ?

Pensando na questão racial e do Haiti, é pertinente lembrar da exposição organizada por Daniel Lima, em São Paulo, intitulada “Agora Somos Todxs Negrxs?”. Inaugurada em agosto de 2017, a exposição buscava dar visibilidade às obras de quinze artistas negros que discutem racismo e gênero. O título da exposição, mesmo que não tenha sido pensado para circular no digital e nas redes sociais remete, pelo trabalho com a memória, à *hashtag* estudada aqui. O advérbio *agora* e o ponto de interrogação também questionam, assim como *#NinguémÉHaiti*, o *ser todos*, que já foi tão utilizado e (re)compartilhado.

De acordo com o curador da exposição em vídeo disponível no *youtube*¹⁹, o ponto de interrogação pode ser interpretado como “‘sim, agora somos todos negros’, nesse sentido afirmativo, e (...)cabe também a interpretação de que, num processo de exceção, esta é uma exposição toda constituída por artistas negros”. Por outro lado, o organizador explica que a resposta à pergunta também pode ser negativa se pensarmos que “não somos todos negros no sentido de que, agora, as instituições entenderam que o tema da negritude existe e que agora ‘todos’, no sentido de democracia racial, somos todos negros, somos todos indígenas, somos todos tudo. Não, não somos”. Além disso, Daniel também explicita que o título foi inspirado na seguinte frase presente no artigo 14º da Constituição Haitiana de 1805: “Todos os cidadãos haitianos, de agora em diante, serão conhecidos pela denominação genérica de negros”²⁰.

Esta constituição foi escrita como resultado da Revolução Haitiana. Na época da revolta (entre 1791-1804), o território do Haiti era denominado Ilha de São Domingos e ocupado pela França, sendo um dos maiores produtores mundiais de açúcar e café e contava com uma população majoritariamente composta por escravos e negros (NACISMENTO, 2007,p. 470). A rebelião ocorrida na Ilha foi a única feita por africanos (e descendentes) em todo continente

¹⁹ O título do vídeo é “Daniel Lima fala sobre a exposição “Agora somos todxs negrxs?”, disponibilizado pelo canal VideoBrasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PtKKkJ3iq3w>>, acesso em: 08 de setembro de 2017.

²⁰ O artigo 14 completo da Constituição Haitiana: “Art. 14. Necesariamente debe cesar toda acepción de color entre los hijos de una sola y misma familia donde el Jefe del Estado es el padre; a partir de ahora los haitianos solo serán conocidos bajo la denominación genérica de negros.”. A Constituição está disponível para consulta em: <https://decolonialucr.files.wordpress.com/2014/09/constitucion-imperial-de-haiti-1805-biblioteca-ayacucho.pdf>, acesso em: 08 de setembro de 2017.

americano e culminou em um novo sistema (não escravista), tornando o Haiti o primeiro país fundado por ex-escravos e, entre os seus múltiplos impactos, talvez o mais forte tenha sido o medo que gerou nos demais países colonizadores de que uma revolução tão grande acontecesse em outros lugares da América escravista. Além disso, é fundamental ressaltar que essa insurreição teve início durante a revolução francesa:

(...)devido aos acontecimentos na metrópole, a ilha ganha uma maior autonomia e representatividade no parlamento levando a um crescimento das disputas internas entre brancos e mulatos e ao nascimento de uma série de levantes da população escrava em 1791. De uma rebelião, transforma-se em uma revolução, na qual se envolvem, direta ou indiretamente, a França, a Espanha e a Inglaterra (NASCIMENTO, 2007, p. 470).

A Revolução Francesa não só contribuiu para dar autonomia à ilha e enfraquecer o controle da metrópole em relação às colônias, mas também fez ecoar os ideais que propunha – Liberdade, Igualdade e Fraternidade. A Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão afirmava que todos os homens eram iguais perante a lei e os efeitos dessa ideologia chegavam também às colônias, onde os escravos percebiam que não estavam incluídos neste “universal”. Deste modo, de acordo com Viana (2012), parte da grandeza da Revolução Francesa consistiu em patrocinar a emancipação dos escravos e, parte da grandeza da Revolução de São Domingos/Haiti é que teve sucesso ao preservar as conquistas e ideais franceses contra a própria França.

É deste lugar, portanto, que a Constituição haitiana, sobretudo o artigo 14º, foi escrito. Ao perceberem que são uma particularidade excluída do *universal*, sem a qual o *todo* não funciona, os escravos fundam sua própria revolução e independência, com a finalidade de cumprir a “universalidade” que lhes falta ou que lhes foi negada. “Todos os cidadãos haitianos (...) serão conhecidos pela denominação genérica de negros” também incluía, ao longo da Constituição, mulheres brancas, alemães e polacos, ou seja, a denominação genérica “negros” não tinha apenas um caráter biologizante, mas também político. Gruner (2010) atesta que a menção aos alemães e polacos é

o cúmulo do “sarcasmo” particularista, ainda mais sublinhado pelo fato de também os alemães e os polacos – que costumam ser associados à pele branquíssima e aos cabelos loiros dos saxões e dos eslavos – passarem agora a ser negros. Esta generalização à primeira vista absurda tem o enorme valor de produzir uma ruptura do racismo biologista ou “naturalista”, que entre os finais do século XVIII e princípios do século XIX terem começado a impor-se: se até os polacos e os alemães podem ser decretados “negros”, então é evidente que negro é uma denominação política (ou político-cultural se quisermos), isto é,

arbitrária, (num sentido mais ou menos saussiriano da arbitrariedade do signo linguístico) e não natural nem necessária (ibidem, p. 7).

É importante ressaltar que a generalização racial posta nesta Constituição não possui um sentido simplesmente jurídico, mas sim, visa não ocultar na história haitiana o lugar determinante que teve o conflito entre raças e faz, segundo a leitura de Gruner, uma crítica a uma ideologia constitucional que imagina o estado-nação como uma unidade homogênea, sem distinção de classe, raça e gênero. Assim, é possível dizer que a Revolução Haitiana cumpriu os ideais franceses mais que a própria França ao imprimir a particularidade que faltava ao *todo*, ao universal. Haiti, sua primeira constituição, o artigo 14, representa o furo, a lacuna no ideal de universalidade francês, que só funciona e produz sentido pela repetição e rompimento do/com o universal.

É pertinente lembrar, então, que “há repetições que fazem discurso” (COURTINE; MARANDIN, 1981, p. 28). Estas repetições implicam, justamente, na regularização dos discursos, da memória. A repetição também pode, de acordo com Indursky (2011) levar a algum deslizamento, ruptura, ressignificação, quebra no domínio do regularizado já que, é importante lembrar, “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para um outro” (PÊCHEUX, 1999, p. 53). Neste sentido,

toda produção discursiva faz circular formulações anteriores, porque ela possui em seu domínio associado formulações que ela repete, refuta, transforma, denega...Isto é: em relação às quais esta formulação produz efeitos de memória específicos. (Courtine, 1981, p. 72)

Ou seja, a memória, regulada pelos aparelhos ideológicos, diz respeito à existência histórica de enunciados, ao repetível, ao já-lá. Temos, na Constituição Haitiana, um claro trabalho com a memória que repete e refuta; novamente, vemos o processo de ressignificação, de questionamento. O artigo 14º questiona pela universalidade a própria universalidade da Revolução Burguesa. Utiliza-se da igualdade (perante a lei) já posta para, no mesmo movimento, colocar a diferença; a exigência particular só faz sentido pois refere, rememora ao/o homogêneo.

De mesmo modo, a exposição “Agora Somos Todxs Negrxs?”, além de ser uma clara referência à Constituição Haitiana, também questiona as *hashtags* #SomosTodos, ou os discursos de igualdade e pretensa homogeneidades que elas suscitam. “Agora Somos Todxs Negrxs?”, além de rememorar o sentido de denúncia visto em #SomosTodosAmarildo ou

#SomosTodosMaju, também questiona esta afirmação, abrindo espaço para a dúvida, para um sim ou um não.

Em relação ao “x” em “Todxs Negrxs”, é interessante ressaltar que ele chama atenção para a questão de gênero, produzindo uma divisão que não tinha sido posta ainda em outras hashtags #SomosTodos. As demais hashtags #SomosTodos simulavam uma universalização apagando a desigualdade em relação à classe social e questão racial; já “Agora Somos Todxs Negrxs ?” denuncia uma diferença de gênero por meio de uma linguagem inclusiva. Enquanto Todos, com o artigo “o” tenta universalizar todos os gêneros através do masculino, o “x” inclui. Sobre o “agora”, é possível perceber que ele funciona como se retomasse, de maneira irônica, tudo que aparece circulando nas redes com #SomosTodos. O “agora” não apenas questiona o #SomosTodos mas também, pelo sarcasmo, ironia e marcação temporal, particulariza mais esta universalização. Enquanto #NinguémÉ funciona como o avesso da generalização, “Agora Somos Todxs Negrxs?” é o contrário deste universal pois afeta pela via do particular e, novamente, aberto para um sim ou um não pela interrogação fugindo, deste modo, de uma estrutura totalizante.

Aqui, a fuga e a desorganização através da memória estão presentes pelo não fechamento que gera um movimento, como nos ensina Orlandi (2012), que corre, ressoa e arrebanha sentidos em movimento. A pergunta, que retoma #SomosTodos, torna o sentido da homogeneidade – que ainda está presente - flexível e volúvel. Se há uma resignificação pelo avesso de #SomosTodos para #NinguémÉ, “Agora Somos Todxs Negrxs ?” resignifica a *hashtag* pela possibilidade, pelo espaço aberto para um não estável.

Além disso, para finalizar este ponto da discussão, trago a reflexão feita Abdias do Nascimento (1978) que, assim como a exposição “Agora Somos Todxs Negrxs?” e a hashtag “#NinguémÉHaiti”, questiona este ideal de igualdade posto por #SomosTodos – e pelo próprio funcionamento da sociedade através do sistema jurídico-capitalista no qual considera-se que “todos somos iguais”. O autor aborda que:

(...) erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, **desfrutando iguais oportunidades de existência**. (...) No entanto, devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. (p. 41 e 92, grifos meus)

Abdias do Nascimento já denunciava, em 1978, o mito de “iguais oportunidades de existência entre brancos e negros”. A Revolução Haitiana, antes, em 1805, também já questionava, ironicamente, os ideais de igualdade presentes na Declaração Universal resultante da Revolução Francesa. “Agora Somos Todxs Negrxs?”, em 2017, continua trazendo luz para esta questão interrogando a sociedade – mais especificamente o meio artístico – a respeito da suposta igualdade racial (e de gênero). O autor coloca que o racismo no Brasil está “difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural” e acrescento que um dos modos pelo qual ele se manifesta é através destes discursos de pretensa igualdade que podem ser encontrados em muitas campanhas que utilizam a #SomosTodos – e no próprio modo de funcionar desta estrutura, que convoca um “ser único”. Assim, através das *hashtags*, pode-se encontrar filiações a uma ideologia dominante mas também encontramos discursos de resistência; a própria hashtag, portanto, é uma disputa de/por sentidos.

3.2 A questão da Identificação e Contraidentificação

Pêcheux (1975), coloca que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de *seu* discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (p. 108). Essa interpelação do indivíduo em sujeito se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva²¹ que o domina. Assim, de acordo com o autor, retomando P. Henry, essa interpelação supõe um desdobramento que representa, por um lado, o “sujeito da enunciação” ou “locutor” – aquele que “toma posição” com total responsabilidade – e, por outro, o sujeito universal, sujeito da ciência ou que se pretende como tal. Esse desdobramento corresponde à relação entre pré-construído e articulação ou efeito transversal, ou seja, entre o “sempre já-aí da interpelação ideológica” e o que “constitui o sujeito em sua relação com o sentido” (ibidem, p. 198-199).

Pêcheux (1975) aborda que estes desdobramentos assumem duas modalidades de funcionamento subjetivo:

A primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livre consentimento”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito. (p. 199).

²¹ Tomamos formação discursiva tal como definida por Pêcheux (1975, p. 147) como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

Ou seja, o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica em seu discurso, sendo esta determinação cega que confere que o sujeito realize seus efeitos em “plena liberdade”. Isto permitiria uma identificação plena do sujeito, de modo que não houvesse qualquer dúvida sobre sua posição no interior de sua formação ideológica. Mais tarde, em uma releitura do *Semântica e Discurso*, Pêcheux (1978) pondera que esta identificação plena pode gerar um efeito sujeito-ego-pleno, sem lugar para o inconsciente. Assim, para o autor, “não há identificação plena e nem saturação nos processos simbólicos (LAGAZZI, 2010, p. 2).

Já a segunda modalidade diz respeito ao discurso do “mau sujeito”,

no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação revolta... com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. (PÊCHEUX, 1975, p. 199).

Em resumo, este “mau-sujeito” se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso, ao contrário do “bom sujeito” que se identifica – ainda que não plenamente.

A partir da reflexão a respeito destas duas modalidades, Pêcheux aborda que tanto a identificação (primeira modalidade) quanto a contra-identificação (segunda modalidade) se manifestam, na realidade, determinadas pelo interdiscurso. “O interdiscurso continua a determinar a identificação ou contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se liga a ela ou a rejeite” (p. 200). Ou seja, a identificação e contra-identificação do sujeito ainda estão baseadas e são definidas pelo interdiscurso, por aquilo que “pode e deve ser dito”.

O dizer, o (re)compartilhamento, a tomada de posição que temos em #SomosTodosAmarildo, por exemplo, sugere uma identificação com uma formação discursiva relacionada à luta contra o racismo e à violência policial, mesmo que não completamente absoluta e plena. Um novo acontecimento discursivo, que traz um novo substantivo para completar a formação forma, pela tomada de palavra, uma outra identificação (à outra formação discursiva). É o caso das *hashtags* #SomosTodosProfessores, #SomosTodosMacacos, #SomosTodosMaju, #SomosTodosBrasil, etc. Mesmo que as estruturas se mantenham, cada

um destes eventos resulta de novos acontecimentos discursivos e, portanto, sugerem identificações (e formações discursivas) distintas.

No entanto, é interessante pensar que #NinguémÉHaiti e “Agora Somos Todxs Negrxs?”, ainda que também retomem questões raciais, coloquem em evidência o descaso e postura do Estado diante da violência na periferia e tragam à tona o apagamento de artistas negros no cenário cultural, se contra-identificam com #SomosTodosAmarildo. Tanto #NinguémÉHaiti quanto “Agora Somos Todxs Negrxs?” colocam em dúvida e questionam os efeitos de sentido produzidos pela hashtag-campanha de Amarildo e, ainda assim, a Formação Discursiva é a mesma. A contra-identificação, em meu ponto de vista, está relacionada ao fato de que estas duas últimas *hashtags* questionam e colocam em outro lugar #SomosTodosAmarildo, o atribuem outro significado, mesmo que tenham entrado em evidência três ou quatro anos depois. A universalidade e a presença do *nós*, do plural, é ressignificada e isto se dá, também, por determinação do interdiscurso, da memória. Há, entre estas três *hashtags*, um jogo entre o mesmo e o diferente que funda esta contra-identificação, pois o questionamento e a contestação está no interior de uma mesma formação discursiva que, no caso, é a do racismo.

3.3 Outra Hashtag em Análise: #ForaTemer

Desde as Manifestações de Junho de 2013, o Brasil vem passando por uma grande crise política, que culminou em muita insatisfação popular em relação aos órgãos públicos, principalmente com o Governo Federal. Assim, o segundo mandato da presidente Dilma Roussef (eleita em 2014) foi alvo de muitas críticas, avaliações negativas e manifestações que deixavam o país dividido entre àqueles que eram “contra” ou “a favor” de seu governo. Este ambiente turbulento possibilitou que, em agosto de 2016, a presidente Dilma Roussef passasse por um processo de *impeachment* apoiado pelos partidos de oposição ao seu governo sendo, deste modo, afastada de seu cargo.

Assim, nos últimos meses, se tornou bastante comum ver nas redes sociais – e fora delas – o compartilhamento da *hashtag* #foratemer como dizer de protesto contra o atual presidente da República Michel Temer. Além de #foratemer funcionar como uma palavra de ordem, também opera como adjetivo ou substantivo (eu sou #foratemer, vide figura 10) ou para se referir ao próprio Michel Temer (figura 22).



Figura 22 (“eu sou #foratemer”)



Figura 23 (#foratemer fazendo referência ao próprio Michel Temer)

Esta *hashtag*, portanto, é vastamente utilizada e já ocupou os *trending topics* do *twitter* duas vezes (em agosto do 2016 e em maio de 2017). É interessante notar que ela, além de ultrapassar o ambiente digital – sendo vista em cartazes, muros, intervenções artísticas²² na oralidade, etc. – também habita discursos nos quais, não necessariamente, se discute a questão da conjuntura político-social do país, aparecendo como título de festas, textos de cunho pessoal, em propostas de compra e venda de objetos/imóveis e correntes de humor²³ nas redes sociais.

Assim, é nítido que a *hashtag* #foratemer vem marcar uma posição política de quem a enuncia que, como já dito no parágrafo anterior, deseja – primordialmente - a saída de Michel Temer de seu cargo enquanto presidente. No entanto, o que esta formulação, muito (re)compartilhada nos mais diversos ambientes, carrega de conflito?

Ou, ao contraio, quais conflitos são apagados? O que ela silencia? Penso nisso pois, além de observá-la em discursos de esquerda, que entendem o momento atual como resultado de um golpe jurídico-parlamentar, também é possível vê-la em manifestações de direita, que compartilham #foratemer juntamente com uma bandeira que diz ‘fora todos’ ou ‘fora qualquer

²² Me refiro, aqui, à exposição das obras de Yoko Ono no Insituto Tomie Ohtako, em São Paulo, que chamou atenção da mídia pois a “Árvore de Desejos” - destinada aos espectadores que deveriam escrever nela o que desejavam - foi tomada por #foratemer.

²³ O que coloco como “correntes de humor” são jogos de cunho interativo, característicos das redes sociais, por exemplo: “comente um #foratemer e digo o que penso de você...”

um'. #ForaTemer, deste modo, está em muitos lugares diferentes, significa por diversas posições políticas e, ainda, é possível dizer que ocupa mais de uma categoria gramatical, sendo hashtag-palavra de ordem, hashtag-adjetivo ou hashtag-substantivo. Proponho, neste tópico, refletir sobre, até que ponto, este lugar do “todo e qualquer lugar” pode apagar o político, o confronto, pensando nos silêncios que entram e fogem da/na #foratemer já que “dizer e silenciar andam juntos” (ORLANDI, 2007, p. 53).

3.3.1 Adentrando #ForaTemer pela noção de Arquivo

Como vimos anteriormente, de acordo com Guilhaumou e Maldidier (2010), o arquivo não é um simples documento por meio do qual é possível encontrar referências, mas “permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes” (ibidem, p. 162) sendo, portanto, sujeito à interpretação e ao confronto entre diferentes modalidades de interpretação e, desta forma, “não corresponde a um espaço de “comprovação”, onde se suporia uma interpretação unívoca” (HORTA NUNES, 2007, p. 374). Este espaço de não-comprovação, em meu entendimento, explica perfeitamente o funcionamento ou efeito das *hashtags* que, além de se constituírem como um lugar da múltipla interpretação, estão sempre abertas pela parede virtual do digital e permitem variados discursos, provenientes de diferentes lugares e posições reunidos em torno de uma única *tag* (ou palavra-etiqueta).

Assim sendo, esta possibilidade de interpretações marca, justamente, que o simbólico está afetado pela incompletude e pelo silêncio (ORLANDI, 1996, p. 18). Ou seja, este arquivo enorme, formado e interpretado sob a velocidade da memória metálica – cuja particularidade é funcionar na forma de adição, acúmulo, formando uma rede de filiação (ORLANDI, 2006, p. 5) -, também possui não-ditos e silêncios. Há espaço para o incompleto mesmo na saturação.

Nesta perspectiva, trago o que Regine Robin (2016, p. 316) aborda sobre o arquivo que, diferente da noção apresentada por Pêcheux está, para autora, relacionado com acumulação, preservação. O ato de arquivar, acumular, proteger os vestígios torna o próprio arquivo inacessível, havendo o que Robin denomina como “fetichismo” do arquivo. Por esta via não há, no arquivo, efeito de memória, mas sim “uma gigantesca maquinaria de esquecimento através do ato de aprisionar a memória e fixá-la” (p. 318).

O arquivo formado pela *hashtag* funciona de maneira diferente já que é acessível. No entanto, a ideia do acúmulo funciona da mesma maneira; há o *fetichismo* por *hashtagear*, contribuir

para o arquivo e fazer com que *#foratemer* circule em todos os lugares possíveis. Além disso, ressalto que a hashtag funciona como o fetiche do próprio arquivo ao mesmo tempo em que ela constrói este arquivo e produz o gesto de leitura – principalmente por conta das relações de dominância formadas por ela.

Acredito que, em nosso caso específico, este acúmulo não gera o aprisionamento da memória, nem tampouco a torna fixa, mas causa o seu esvaziamento, silenciando a contradição, fundando um discurso leve como a *língua de vento*. Assim, *#foratemer*, ao estar em todo e qualquer lugar, também corre pelos ventos do “qualquer coisa”, mas sua base, o que justamente o sustenta é a sua carga histórica, é o que (não)significa Temer (verbo e substantivo) no panorama político brasileiro e isto não é “qualquer coisa”. Assim, é necessário atentar-se, aqui também, para a “falsa moeda de língua de vento, destinada a desviar a atenção dos problemas reais.

Com isso, é pertinente lembrar da noção de efeito metafórico, lugar da interpretação e da historicidade (ORLANDI, 1999, p.77) que, de acordo com Pêcheux (1969, p. 96), é “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual” que permite o deslizamento de sentido entre x e y. Pelas Formações Discursivas, ou seja, aquilo que pode e deve ser dito numa formação ideológica dada e a partir de uma posição dada (ORLANDI, 1999, p. 41), é possível dizer que os sentidos não existem em si, mas são determinados pelo jogo sócio-histórico no qual as palavras são produzidas. “As palavras mudam de sentido segundo a posição daqueles que as empregam” (ibidem, p. 40). As palavras e as *hashtags*. É possível observar a língua em funcionamento através das *hashtags*, com suas falhas, equívocos e lacunas (PÊCHEUX; GADET, 1981).

Assim, esta mesma *hashtag* aqui analisada, este mesmo objeto simbólico, pode se inscrever em formações discursivas diferentes. É possível, pelo jogo com o efeito metafórico, por uma determinada posição sujeito, inferir que *#foratemer* pode causar o desejo de um retorno à ditadura militar, por exemplo. Neste *post* no *facebook* (figura 24), foi possível encontrar as seguintes *hashtags* reunidas: *#ForaTemer*, *#PTNuncaMais*, *#PSDBNuncaMais*, *#PMDBNuncaMais* *#ForçaBrasil* *#Vergonha* *#FimdaCorrupção*. Pela *#foratemer*, sustenta-se um discurso conservador, sob a égide da corrupção, da descrença nos partidos políticos (ou na política) e da ideia de que o Brasil precisa de força, voltar a crescer, diz-se *#foratemer*. Por outra Formação Discursiva, esta *hashtag* funciona como um gesto de protesto contra as Reformas nas Leis Trabalhistas, contra o golpe jurídico, contra as perdas – por um governo

neoliberal – de direitos sociais, de acesso ao Sistema Único de Saúde, etc., podendo significar o desejo por Eleições Diretas ou o retorno de Dilma Rousseff, por exemplo.



Figura 24 (post no facebook que traz #foratemer e outras diferentes hashtags)

Para além disso, a presença de *#foratemer* em correntes e para nomear festas em grandes boates²⁴, mais que demonstrar a banalização da *hashtag* e a sua inscrição no “qualquer coisa” da Língua de Vento revela, justamente, o que ela silencia: o seu lugar no pacífico, no sim, no vazio, no não-incômodo. *#foratemer* não incomoda. A sua saturação, a possibilidade de estar escrito e dito em todo lugar apaga as contradições de seu significado que são várias para além do próprio desejo de que Michel Temer esteja fora da presidência. Há quase um consenso a respeito de *#foratemer*. Diferentes formações discursivas em confronto (re)compartilham, dizem, pedem *#foratemer* e com isso põem em silêncio o que de fato significa *#foratemer*: que pode ser desde o retorno da ditadura até a volta de um governo de esquerda, aí são múltiplos e contraditórios os sentidos que escorrem, que estão em “fuga”(ORLANDI, 2012).

Sendo o silêncio “a possibilidade de um dizer vir a ser outro” (ORLANDI, 2007, p. 144), penso no que seria este outro de *#foratemer*, para onde se pode deslizar. De um lado, é possível chegar em *#voltadilma* e, por outro, *#forçasarmadasjá*. Estes dois dizeres diferentes, estas duas *hashtags* derivadas de uma só incomodam. Por isso não estão em todo lugar, não compõem um arquivo tão amplo e não se inscrevem em Formações Discursivas tão distintas. E por isso também possuem menos silêncio. Há nelas, ainda, lugar para interpretação e para a

²⁴ Divulgação de uma festa *#foratemer*:

https://www.facebook.com/events/821958021291109/?acontext=%7B%22ref%22%3A%2222%22%2C%22feed_story_type%22%3A%2222%22%2C%22action_history%22%3A%22null%22%7D> acesso em 05 de julho de 2017.

incompletude, mas este lugar é mais restrito que em #foratemer. Há mais barulho e, portanto, mais desconforto em #voltadilma e #forçasarmadasjá.

Encerro essa análise específica refletindo acerca da política de silêncio que aborda que, ao dizer, necessariamente não se diz outros sentidos (ibidem, p. 53). Esses “outros sentidos”, além do que já coloquei aqui, são justamente os “problemas reais” dos quais cita Pêcheux acerca da *falsa moeda das línguas de vento*. #foratemer soa como uma voz gostosa de ouvir, mas deixa de dizer (embora fale bastante) – ou funciona por um mecanismo que dificulta a audição do que está atrás da etiqueta. Acredito que é preciso mais berro e esse berro se torna possível quando se ouve o silêncio.

3.4 Sobre a Materialidade do Digital

Como nosso objeto está inserido no digital, é importante compreendê-lo em sua materialidade discursiva. Eni Orlandi (2016), ao citar Pêcheux no prefácio da edição brasileira do livro *Materialidades Discursivas*, afirma que a questão teórica das materialidades discursivas surge do resultado heterogêneo entre história, língua e inconsciente. A materialidade, portanto, segundo a autora, não se trata do corpus, dos dados ou do “objeto de análise” mas está na relação com o sujeito e com a história.

Assim, é pertinente trazer Dias (2016, p. 167), que aborda que muitos trabalhos em Análise de Discurso “tomam o digital como suporte em suas análises (embora digam se tratar da materialidade), desconsiderando a dimensão significativa do espaço”. A autora defende, em diálogo com Culiolli, conceber a materialidade como um construto teórico, levando em conta o acontecimento do discurso da tecnologia, sua inscrição na memória discursiva e sua atualização nas formulações digitais.

Com isso, em concordância com a autora, entendemos a necessidade de considerar um objeto inscrito no digital (no caso, a *hashtag*) em sua materialidade: “nem apenas como matéria (unidade física) e nem apenas forma (substância)” (p. 168), mas forma-material, ou seja, não deixando de considerar a forma discursiva, linguístico-histórica. Pensar a respeito da materialidade é considerar, então, a significação do modo de estar e circular o objeto no digital, assim:

O digital (...) significa por suas condições de produção discursivas, e não por suas condições de produção técnicas,

físicas, que seria o caso do suporte. A escrita, na pedra, no papel, na pele de animal ou no muro da cidade, não significa pelo suporte no qual se inscreve, mas pela forma material, linguístico-histórica na qual se textualizam sentidos em certas condições de produção. (p. 171)

O digital, deste modo, está na relação com o processo de significação que ocorre “pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso e em certo meio material” (p. 173). Dias conclui, em suas análises, que a materialidade do digital inclui tanto o meio material quanto a forma material. Ou seja, a materialidade do digital considera a tecnologia – do urbano e digitais – e a língua, com toda a sua historicidade.

Pensamos, assim, a *hashtag*, enquanto elemento que significa por sua relação com a materialidade digital – que pressupõe um modo próprio de circular (e, portanto, de fazer sentido) e que abarca a língua e a história. Neste sentido, é importante retomar a discussão da circulação enquanto instância de produção de sentidos. Dias, citando Orlandi (2001, 1998), aborda que:

O modo como um discurso circula é parte do seu processo de significação. No entanto, ao perguntar em que meio e de que maneira um discurso circula, não se está perguntando por seu suporte. Com diz Orlandi (2001), saber se escrito em uma faixa, documento, carta etc., não significa perguntar pelo suporte, mas pela matéria significativa à qual o sentido não é indiferente, pois é ela que lhe dá uma forma (ORLANDI, 1998, apud, DIAS, 2016, p. 169)

Esta forma de se fazer presente, de circular e, portanto, fazer sentido, é própria do digital, da *hashtag*, de sua materialidade. Deste modo, considerando que a circulação é fundamental para o modo de significar das *hashtags*, que a circulação está em sua materialidade, é possível inferir que, também é próprio do digital, o esvaziamento dos sentidos pelo excesso. Como vimos, #ForaTemer teve seu sentido esvaziado pois cabia em qualquer lugar, inscrevia-se diferentes formações discursivas – que poderiam ser totalmente distintas uma das outras. O esvaziamento que vimos em #foratemer dizia respeito ao consenso que ele carrega, que o faz circular por muitos lugares de maneira não incômoda. É por circular muito, em excesso, que é vazio. E isto é possibilitado pelo modo de significar (e de permitir significar) do digital. Mesmo em muros, cartazes, post-its, televisão, a *hashtag* está presente e, portanto, a materialidade digital, que traz consigo o sentido do muito, do (re) compartilhado, do agora, do excesso funciona e afeta a maneira como #foratemer significa, pelo conforto e pelo silêncio.

#SomosTodos, como também compartilha desta mesma materialidade digital, funciona em muitos lugares assim como #foratemer. Diferentes formações discursivas se

utilizam de sua estrutura, que está presente desde em pequenos grupos até em *Trending Topics*. No entanto, vimos que mesmo com esta ampla circulação e alcance #SomosTodos significou e significa na história justamente pelo seu constante retorno, pelo que faz ecoar na memória, fundando uma relação de contra-identificação com a *hashtag* que tomamos como partida de análise (#SomosTodosAmarildo). #SomosTodos faz barulho, seu significado na história não está esvaziado - mesmo que viaje e perpassa muitos lugares. #SomosTodos, de alguma forma, mesmo que funcione pelo homogêneo e universal, traz alguma falta ou a “falta da falta”, ele incomoda (e, acredito, incomoda justamente pois parece trazer o homogêneo). Tanto que foi ressignificado, anos depois, por #Ninguéméhaiti e “Agora Somos Todxs Negrxs?”. Ele retorna, produz sentido no antes e depois, embora pareça um vento inofensivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda discussão trazida aqui possibilita uma entrada para a compreensão do funcionamento discursivo de uma *hashtag* tão disseminada e abrangente, a #SomosTodos, que operou e opera nas redes filiada a memórias discursivas muito distintas uma das outras. Através deste enunciado, observamos como funcionaram nas redes sociais discursos que tocavam na questão da violência policial e do racismo (sob o viés da resistência), passando pela propaganda, marketing e torcida. O elo comum, em nossa análise, entre #SomosTodosAmarildo, #SomosTodosMaju, #SomosTodosProfessores, #SomosTodosBrasil, #SomosTodosOlímpicos, #SomosTodosLeo, etc. é a pretensão de homogeneidade e totalidade. Por mais que inscritas em memórias discursivas diferentes, todas estas *hashtags* se encontram na tentativa de serem uma só. Brasil, Léo e Amarildo ao mesmo tempo. Como a língua admite o furo, a falha e é constituída, justamente, pela incompletude tendo o não-todo como próprio de seu funcionamento, houve a tentativa de mostrar aqui o embate dessa homogeneidade; onde ela escapa, quebra e revela um outro.

Para isso, foi necessário compreender o funcionamento discursivo das *hashtags* no geral. Assim, algumas noções foram suscitadas como, por exemplo, a de arquivo (PÊCHEUX, 2010), que permitiu compreender a *hashtag* como um modo de tomar a palavra dispersivo, aberto e ao mesmo tempo uno, organizado. Compartilha-se e utiliza-se uma determinada *hashtag* para, além de marcar uma posição (no caso de *hashtags* que levantam questões sócio-políticas) inserir-se neste arquivo que está em constante processo de construção atravessado pelo digital. Além disso, compreender a *hashtag* sob a perspectiva do arquivo é, também, tomá-la enquanto língua, sujeita ao equívoco. Paveau (2017) nos diz que a *hashtag* possui uma verdadeira função argumentativa sendo que elas permitem, no caso específico das *hashtags* militantes, uma análise da opressão sistêmica sofrida por grupos minoritários²⁵. A prática da *hashtag*, segundo a autora, não fica presa ao “ativismo de *hashtag*” e ultrapassa o marketing ou a militância online justamente por conta da fluidez das circulações entre os universos digitais e não digitais – se ainda for possível fazer esta diferenciação (PAVEAU, 2017, p. 207). A *hashtag*, então, é um elemento que pode marcar a disputa, o conflito tanto por filiações a determinados movimentos que se materializam no uso das *hashtags* (como, por exemplo, #BlackLivesMatter) quanto a luta por certos sentidos – é o caso da #SomosTodos que, em pouco tempo, teve seu sentido atrelado à resistência, à torcida, à propaganda.

²⁵ Ao tratar das *hashtags* militantes, Paveau referencia os trabalhos de Husson (2016).

Deste modo, marco aqui a importância da quantidade e da circulação, que fazem parte do modo de funcionamento da hashtag. Através da repetição pela quantidade, podemos perceber não só sentidos em disputa, mas também discursos da ideologia dominante. O dispositivo de leitura de arquivo possibilitado pela hashtag produz gestos, trajetos de interpretação que revelam relações desiguais de poder e hegemonia de sentidos. A circulação e o excesso de repetição – afetados pela memória discursiva - não apenas tornam certos dizeres uma “tendência” mas, principalmente, demonstram fortes relações de poder. Além disso, reitero que, mesmo funcionando pela língua de vento, a língua midiática que visa propagar discursos da ideologia dominante, vimos que esta mesma língua de vento também está aberta para o “dizer vir a ser outro”, para a resistência. *Hashtag* é disputa e, portanto, também pode ser símbolo de poder justamente porque é língua, circula e por ser ela mesma um modo de circulação.

Outro ponto importante da análise foi tomar o funcionamento de #SomosTodos pelo aspecto da universalidade e das reflexões de Haroche sobre o Sujeito de Direito. Haroche (1984) atenta-se ao fato de que o “particular é remetido ao ignorante que fala uma língua inaudível e que não pode compreender os outros” (p. 224); procura-se descartar a loucura do desviante ou “a língua que não é de todo mundo (de “não importa quem”)” (idem). Este *ser todos*, ou “o que quer que seja” desindividualiza e, pelas palavras de Haroche, acredito ser oportuno perguntar: se a ideia do sujeito que pensa, dotado de subjetividade, desviante pode amedrontar, o sujeito que não pensa, genérico e que acredita em “não-importa-o-quê” não amedrontaria ainda mais? Quais seriam as consequências ou efeitos desta pretensa universalidade, para além de reafirmar o modo como a sociedade funciona desde a ascensão da classe burguesa?

Além disso, é importante registrar que esta pesquisa não está completa, algumas questões ainda continuam inquietantes. O uso do *nós* plural e a relação dele com o *eu* (singular), por exemplo, é muito pertinente para compreender o jogo entre as campanhas “Somos Todos”, “Je suis” e, mais recentemente, “Eu sou”, muito disseminada por conta da prisão política do ex-presidente Lula no Brasil. Assim, é interessante notar que #SomosTodos continua circulando (seja com outros substantivos diferentes atrelados à sua forma ou com os mesmos já analisados aqui) e variações – ou até mesmo respostas, como #eusoulula, começam a ganhar destaque. Isto revela a força desta *hashtag* e de sua circulação que, como nos ensina Pêcheux, “não é jamais não importa o quê”.

5. REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, L; GARCIA, D. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. *Revista Conexão das Letras*, n. 9, v. 11. UFRGS, 2013
- ABRAHÃO, Lucília Maria; GARCIA, Dantielli Assumpção; FARIA, Daiana de Oliveira. Eu curto, tu curtes, ele (não me) curte: notas sobre o funcionamento de arquivos no Face In: RUA[online]. nº. 23. Volume 1, p. 221 - 241
- ADORNO, G. (2015). Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs. Tese. Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- ANTOLINI, M; REBOUÇAS, E. Comunicação, Direitos Humanos e Cidadania: Territorialidades que se Entrelaçam. In. ZANETTI, D; REIS, R. (orgs). *Comunicação e Territorialidades: poder, cultura, redes e mídias*. Vitória: EDUFES, 2017
- BORTOLON, A. Sociabilidades em redes: a territorialidade informacional e os rolezinhos. In. ZANETTI, D; REIS, R. (orgs). *Comunicação e Territorialidades: poder, cultura, redes e mídias*. Vitória: EDUFES, 2017
- CASTELLS, M. *Networks of Outrage and Hope: Social Movements in the Internet age*. Cambridge: Polity Press, 2012
- CHIARETI, P. Discurso, subjetividade e novas tecnologias. In: RUA [online]. no. 22. Volume 2, p. 33 – 44
- COSTA-MOURA, F. Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. *Ágora (Rio J.)*, vol.17. Rio de Janeiro, Agosto. 2014
- COURTINE, J. J. *Analysedudiscours politique. Le discours communiste adressé aux chrétiens*. In.: *Langages*, 62, 1981
- COURTINE, J.-J.; MARANDIN, J.-M. Quel objet pour l'analyse du discours? In: CONEIN, B. et al. (Ed.). *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.
- DIAS, C. A materialidade digital da mobilidade urbana: espaço, tecnologia e discurso. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*. n. 37, jan./jun., p. 157-175. 2016.
- _____. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. *Revista Estudos Linnguísticos*. v. 44, n. 3, 2015
- _____. *Memória Metálica*. ENDICI – Enciclopédia Discursiva da Cidade. [s.d.]
- _____. e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano. In. DIAS, Cristiane. *E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital* [online]. 2011
- DIAS, Cristiane; COELHO, André. V de vinagre: a produção de imagens humorísticas sobre as manifestações brasileiras de 2013 nas redes sociais. In. PATTI, Ane Ribeiro et. al. (orgs.) *Textecendo discursos na contemporaneidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. (1981). *A língua inatingível*. Trad. Bethânia Mariani e Maria Elizabete Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, E. & E. ORLANDI. "Unidade e Dispersão: uma Questão do Texto e do Sujeito". In: ORLANDI, E. Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez/Campinas: Editora UNICAMP, 1988

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos de Arquivo. In: ORLANDI, E. Gestos de Leitura. Editora da Unicamp: Campinas, 2010.

GRÜNER, E. La oscuridad y las luces. Capitalismo, cultura y revolución. Buenos Aires: Adhasa, 2010. Tradução de José Paulo Gascão 2016

HAROCHE, C. Fazer Dizer, Querer Dizer. São Paulo: Hucitec, 1984.

INDURSKY, F. LULA LÁ: ESTRUTURA E ACONTECIMENTO. Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v. 17, n. 35. UFRGS, 2003

LAGAZZI, Suzy. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. RUA[online]. 2010, no. 16. Volume 2

_____. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia. G. Flores, N. Neckel, S. Gallo (orgs.). Campinas: Pontes, 2015. p. 177-189

MENDONÇA, R.; MANIERI, T. A internet como espaço de mobilização: a marca Use Huck e a apropriação da campanha "Somos Todos Macacos". Comun. & Inf., Goiânia, GO, v. 17, n. 2, p. 187-201, jul./dez. 2014

MESSINA, Chris. Groups for Twitter: or A Proposal for Twitter Tag Channels. 2007. Disponível em: <<http://factoryjoe.com/blog/2007/08/25/groups-for-twitter-or-a-proposal-for-twitter-tag-channels/>>. Acesso em: 10 de maio 2017

NASCIMENTO, Abdias do. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

NASCIMENTO, W. Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791 – 1840). Pesquisa do Estado da Bahia. UFBA, 2007.

ORLANDI, E. Segmentar ou recortar. In: Série Estudos. Nº 10. Faculdades Integradas de Uberaba (lingüística: Questões e Controvérsias), 1984. p. 9-26.

_____. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas: Editora Pontes, 1996. 276p

_____. Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos. Campinas, Pontes, 1999.

_____. Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória. Campinas: Pontes, 2002. p. 59-71

_____. Ler a Cidade: o Arquivo e a Memória. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Para uma Enciclopédia da Cidade. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/ Unicamp, 2003, p. 07- 20.

_____. Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006

_____. As formas do silêncio – no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007

_____. “A fuga de sentidos: efeitos da polissemia e do silêncio”, in: Sujeito, Sociedade, Sentidos, G. Carrozza e T. Domingues da Silva (org.), Campinas: RG, 2012

_____. Nota Introdutória de Materialidades Discursivas. In: CONEIN, B et al. Materialidades Discursivas. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2016.

PAVEAU, Marie-anne. “Hashtag“, Technologies discursives. 2013. [Carnet de recherche]. Disponível em: <<http://technodiscours.hypotheses.org/488>>. Acesso em: 10 de maio de 2017

_____. L’analyse du Discours Numérique. Dictionnaire des formes e des pratiques. Paris: Hermann Éditeurs, 2017

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Ed. Unicamp, 1969.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 4ªed. - Campinas: Editora UNICAMP, 2014. Edição original: 1975.

_____. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. Trad. José H. Nunes. In: Cadernos de Estudos Linguísticos 19, p. 7-24. Campinas, IEL/UNICAMP, 2010. Edição original: 1982.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) Papel da memória. Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006,

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (org.). Gestos de leitura: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010

_____. (1981). Abertura do Colóquio. In: Conein, B. et al. (Org) Materialidades Discursivas. Campinas: Editora da Unicamp, 2016

RECUERO, R. Co-Links: Proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. Trabalho apresentado no GT de Tecnologias Informacionais da Comunicação da COMPÓS. São Bernardo do Campo: 2004

ROBIN, Régine. A memória saturada. Campinas: Editora UNICAMP, 2016.

TUFTE, Thomas. O renascimento da comunicação para a transformação social: redefinindo a disciplina e a prática depois da “Primavera Árabe”. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, Intercom, v. 36, n. 2, p. 61-90, jan. 2013.

VIANA, L. A Independência do Haiti na Era das Revoluções. Associação Nacional de Professores e Pesquisadores de História da América. Apresentação. 2014. Disponível em: <<http://anphlac.fflch.usp.br/indep-haiti-apresentacao>>, acesso em set. 2017.

ZOPPI-FONTANA, M. Identidades (In)formais: contradições, processos de designação e subjetivação na diferença. In: Revista Organon, vol. 17, nº. 35. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. Arquivo Jurídico e a Exterioridade. A construção do corpus discursivo e sua descrição/interpretação In: E. Guimarães e M. R. Brum de Paula. *Memória e sentido*. Santa Maria, UFSM/PONTES, 2005, p.93-116